

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

LEANDRO NORONHA DA FONSECA

**HIV/Aids e narrativas pós-coquetel na poesia
contemporânea brasileira**

São Paulo

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**HIV/Aids e narrativas pós-coquetel na poesia
contemporânea brasileira**

Leandro Noronha da Fonseca

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Mídia, Informação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

São Paulo

2019

***Dedico este trabalho a todas as
pessoas que vivem com HIV/Aids***

HIV/AIDS E NARRATIVAS PÓS-COQUETEL NA POESIA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA¹

Leandro Noronha da Fonseca²

Resumo: A pesquisa objetiva compreender como o HIV/Aids vem sendo tematizado na poesia contemporânea brasileira a partir da obra “Tente entender o que tento dizer”. Publicada em 2018, é a primeira antologia poética brasileira voltada exclusivamente à temática. A análise será feita a partir da “narrativa pós-coquetel”, conceito que busca entender os impactos da terapia antirretroviral (TARV) na forma como o HIV/Aids vem sendo abordado na arte, principalmente no cinema e na literatura. Do peso do silêncio aos impactos (positivos ou não) dos medicamentos, as vidas perpassadas pelo HIV/Aids são retratadas por múltiplas óticas nas poesias analisadas.

Palavras-chave: HIV/Aids; Poesia brasileira; Narrativa pós-coquetel.

Abstract: The research aims to understand how HIV/AIDS has been thematized in contemporary Brazilian poetry from the work “Tente entender o que tento dizer”. Published in 2018, it is the first Brazilian poetic anthology focused exclusively on the theme. The analysis will be based on the “post-cocktail narrative”, a concept that seeks to understand the impacts of antiretroviral therapy (ART) on the way HIV/AIDS has been approached in art, especially in cinema and literature. From the weight of silence to the impacts (positive or otherwise) of the medicines, the lives pervaded by HIV/AIDS are portrayed by multiple optics in the analyzed poetry.

Key words: HIV/AIDS; Brazilian poetry; Post-cocktail narrative.

Resumen: La investigación objetiva comprender cómo el VIH / SIDA viene siendo tematizado en la poesía contemporánea brasileña a partir de la obra “Tente entender o que tento dizer”. Publicada en 2018, es la primera antología poética brasileña dirigida exclusivamente a esa temática. El análisis se hará a partir de la “narración post-cóctel”, concepto que busca entender los impactos de la terapia antirretroviral (TARV) en la forma como el VIH / SIDA viene siendo abordado en la arte, principalmente en el cine y en la literatura. Del peso del silencio a los impactos (positivos o no) de los medicamentos, las vidas atravesadas por el VIH / SIDA son retratadas por múltiples ópticas en las poesías analizadas.

Palabras clave: VIH/SIDA; Poesía brasileña; Narrativa post-cóctel.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

² Pós-graduado em Mídia, Informação e Cultura.

1. INTRODUÇÃO

A história do HIV/Aids ainda não tem um ponto final. Seus caminhos nos levam a uma complexidade maior do que a observada pela medicina. O vírus (e a doença que acarreta) são muito mais do que sua patogenia e os processos biológicos que se dão nas entranhas de determinado organismo. Por isso, o objetivo da presente pesquisa não é pensar o HIV/Aids sob uma ótica biomédica, mas explorar suas nuances a partir de aspectos sociais, culturais e políticos.

Nas décadas de 1960 e 1970, o campo dos direitos sexuais e direitos reprodutivos foram ganhando espaço no debate público. Questões de gênero e sexualidade passaram a ser pautadas pelos movimentos feminista e homossexual. Ganham contornos públicos temas ainda vinculados ao espaço privado, como a contracepção, a liberação sexual e as novas formas de relacionamento. Em efervescência, as sociedades ocidentais viviam um momento de questionamentos quanto aos padrões e as hegemonias sociais. Neste contexto, a então desconhecida Aids surge em meio a mistérios, dúvidas e medos, atingindo as pessoas principalmente por meio do sexo, espaço político de disputas e significações.

No capítulo 2, será apresentado um breve panorama do HIV/Aids no Brasil e no mundo: do surgimento da epidemia a conquista de direitos angariados pelo ativismo político; da criação de medicamentos e seus impactos nas pessoas vivendo com o vírus ao surgimento de novas formas de prevenção além do preservativo.

Além da epidemia biológica, ocorreu em torno do HIV/Aids também uma “epidemia discursiva”, que introjetou no imaginário social uma série de metáforas sobre a doença e seus pacientes. A epidemia discursiva e suas metáforas serão trazidas no terceiro capítulo da pesquisa.

Como será apontado no capítulo 4, tais discursos surgem no campo da medicina e se espalham para o jornalismo e outras mídias. O discurso das ciências biomédicas ajudou a construir o HIV/Aids como a doença do Outro, específica de um “grupo de risco”. Tal construção também foi reforçada pelos veículos de comunicação, que disseminaram em manchetes de jornal e programas televisivos uma visão estigmatizante e preconceituosa das pessoas vivendo com HIV/Aids.

No campo artístico, o HIV/Aids ganha outros contornos, possibilitando que a pauta fosse abordada por um viés menos espetacularizado. Como poderá ser visto no quinto capítulo, os avanços médico-científicos impactaram a forma com que o HIV/Aids foi tematizado em produções artísticas. Como o HIV/Aids foi retratado nas produções artísticas das décadas de 1980 e 1990, antes dos avanços no tratamento antirretroviral? Como os cenários provocados pelas novas tecnologias de saúde e a descoberta da intransmissibilidade do vírus por soropositivos em tratamento e com carga viral indetectável afetaram a tematização do HIV/Aids em filmes, livros e outras produções?

Por fim, a partir do sexto capítulo, será analisado o livro “Tente entender o que tento dizer”, primeira antologia poética voltada exclusivamente ao tema do HIV/Aids publicada no Brasil. Lançada em 2018 pela Editora Bazar do Tempo, a obra foi organizada pelo poeta Ramon Nunes Mello. A análise se dará a partir da “narrativa pós-coquetel”, conceito que explica a influência do tratamento antirretroviral na tematização do HIV/Aids em produções artísticas, principalmente no cinema e na literatura.

2. BREVE PANORAMA DO HIV/AIDS

De modo objetivo, a Aids, síndrome de imunodeficiência adquirida, é uma doença causada pelo HIV, vírus da imunodeficiência adquirida (*Human Immunodeficiency Virus*, em inglês), que ataca as células de defesa do organismo, enfraquecendo o sistema imunológico e possibilitando o desenvolvimento de infecções e tumores. O vírus é transmitido pela troca de fluídos tais como sangue, sêmen e leite materno, e ainda não possui cura.

Já na década de 1970 os primeiros e silenciosos casos se faziam presentes. Posteriormente tomou contornos epidêmicos, principalmente em metrópoles dos Estados Unidos e da Europa. No Brasil, os primeiros relatos de Aids datam do início da década de 1980. Sua chegada se insere em um contexto de fragilidade da saúde pública em um país que acabara de passar por uma ditadura civil-militar (1964-1984). A epidemia, inicialmente encarada como questão de segunda instância, foi negligenciada pelo Estado brasileiro, já que atingia majoritariamente

uma parcela minoritária da sociedade. Ainda desconhecido pela ciência, o HIV/Aids foi tomado pelas distorções da desinformação tanto pela sociedade civil, quanto por instituições sociais (DANIEL; PARKER, 1991).

Estima-se que, desde o início da epidemia, 35,4 milhões de pessoas morreram em todo o mundo em decorrência da Aids³. Só no Brasil, o número total é de 316.088 mortes, desde a década de 1980 até o fim de 2016⁴. Aspectos sociais e econômicos particularizam o processo de desenvolvimento do HIV/Aids em determinada região, impactando seu perfil de morbidade e mortalidade. Questões etárias e de sexo também se inserem no campos das especificidades: o alto índice de morte de mulheres em idade reprodutiva chegou a impactar demográfica e economicamente algumas localidades. Em países economicamente mais desfavorecidos, por exemplo, a limitação ou a ausência do acesso à testagem, ao tratamento e a serviços de saúde influi na diminuição da expectativa de vida das pessoas afetadas (SOUTO, 2008).

Nos Estados Unidos, os primeiros casos foram relatados em revistas médicas internacionais no início da década de 1980. Dois anos depois a Aids passa a se expandir exponencialmente, não somente em termos estatísticos, mas também discursivos. A infecção pelo HIV acometeu, no início, majoritariamente a população de homens homossexuais jovens⁵. Durante o processo de descoberta do funcionamento, desenvolvimento e impactos do vírus no organismo humano, a relação entre homossexualidade e Aids esteve presente principalmente no meio científico (disseminada também pela imprensa): foi denominada de *gay penumonie*, *gay cancer*, *Gay-Related Immune Deficiency* (GRID) e *gay compromise syndrome*. Oficialmente é chamada de Aids (*Acquired Immunodeficiency Syndrome*, em inglês)

³ Fonte: Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS). Disponível em: <<https://unaid.org.br/estatisticas/>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

⁴ Fonte: Boletim Epidemiológico HIV/Aids do Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais (DIAHV), da Secretaria de Vigilância em Saúde, do Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://www.Aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hivAids-2017>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

⁵ De lá para cá, o discurso da saúde pública passou a utilizar, para definir as populações mais vulneráveis ao HIV/Aids, também o termo HSH (homens que fazem sexo com homens), já que muitas dessas pessoas não se enquadram em identidades homossexuais ou bissexuais. Para melhor compreensão entre prática sexual e identidade sexual, ver Parker (2002).

quando a doença passou a não mais atingir populações específicas⁶. Em 1983, cientistas conseguiram isolar e identificar o agente causador da Aids e no ano seguinte descobriu-se sua origem (TEODORESCU; TEIXEIRA, 2015).

No Brasil, os primeiros casos foram detectados pela médica Valéria Petri, professora da disciplina de dermatologia da Escola Paulista de Medicina, em setembro de 1982. Dois rapazes jovens e homossexuais foram diagnosticados com sarcoma de Kaposi, tumor raro que atinge principalmente pessoas afetadas pela Aids (PERLONGHER, 1987; TEODORESCU; TEIXEIRA, 2015).

Nas décadas de 1980 e 1990, a ciência tinha poucas informações sobre o HIV/Aids e as respostas à epidemia demoraram a aparecer também por motivações de cunho moral e preconceituoso, já que, inicialmente, o perfil das pessoas mais atingidas pelo HIV/Aids era composto por gays, elitizados, moradores de grandes cidades e sexualmente ativos, tendo sido assim encarada como “doença da elite”⁷. Quando outros grupos sociais passaram a integrar o quadro de populações mais vulneráveis à epidemia, como profissionais do sexo, pessoas em situação de rua e usuários de substâncias psicoativas, o imaginário social passou a enxergar esses grupos não apenas como “marginais”, mas também como “perigosos” (DANIEL; PARKER, 1991).

O HIV/Aids foi encarado por muito tempo como uma sentença de morte, já que a medicina havia avançado pouco na pesquisa e produção de drogas para tratamento, o que afetou drasticamente os direitos humanos das pessoas vivendo com HIV/Aids. O progresso científico foi acompanhado por mobilizações políticas, que reivindicavam não apenas o acesso ao tratamento e a garantia de uma vida digna, mas principalmente a cura. A morte, destino inexorável de quem era

⁶ Soares (2001, pp. 81-82), a partir do trabalho de J. Mann e D. J. M. Tarantola, explica que o conceito de “risco” se transformou em “vulnerabilidade”: o termo “grupo de risco” foi inicialmente utilizado para caracterizar as pessoas mais afetadas pela epidemia; quando a questão passou a atingir amplamente a população, e não mais setores específicos, o conceito muda para “comportamento de risco”; por fim, o conceito de “vulnerabilidade” é adotado para complexificar essa dinâmica, onde a infecção se encontra nos âmbitos pessoal (vulnerabilidade individual), social (vulnerabilidade social) e estrutural (vulnerabilidade programática). Atualmente é utilizado o conceito de “populações chave” para denominar grupos mais expostos à infecção do HIV.

⁷ Em complemento a essa questão, Trevisan (2018, pp. 426-427) coloca que a epidemia de HIV/Aids fez com que as sociedades modernas discutissem mais a sexualidade, dando certa visibilidade ao desejo e à realidade gays. Parker (2002, p. 67) pontua que a popularização do termo *homossexual*, antes reservada a espaços mais restritos como o médico e acadêmico, se deu em decorrência da epidemia.

diagnosticado com HIV/Aids no início da epidemia, integrava o cotidiano de muitas pessoas que perderam familiares, amigos, maridos e esposas, de forma muitas vezes paulatina e dolorosa.

O surgimento de organizações não governamentais (ONGs) foi uma das respostas à epidemia. Em ordem cronológica, os primeiros grupos a surgirem no Brasil foram o GAPA/SP (1985), a ABIA (1986) e o Pela VIDDA (1989). No início da década de 1990, surgem o GIV - Grupo de Incentivo à Vida, a Casa da Brenda Lee e amplia-se o GAPA a outros estados brasileiros. A partir de 1995, outras organizações surgem principalmente após o financiamento público⁸. Compõem essa pluralidade de ativismos redes de soropositivos, movimentos de grupos minoritários, associações comunitárias e religiosas. Para pressionar o poder público e assegurar direitos, os grupos integram fóruns estaduais e encabeçam manifestações em prol da população vivendo com HIV/Aids por meio de ações no Congresso Nacional e protestos de rua (SCHEFFER, 2004).

Direitos também foram conquistados no âmbito das políticas públicas. A Declaração dos Direitos Fundamentais da Pessoa Portadora do Vírus da Aids, criada em 1989 pelo Estado e a sociedade civil, assegura o direito à assistência e ao tratamento, ao sigilo quanto ao status sorológico, à uma vida social livre de discriminações. A Lei nº 12.984, sancionada em 2014 pela ex-presidenta Dilma Rousseff, pune com reclusão de um a quatro anos e multa pessoas que cometerem ato discriminatório contra pessoas vivendo com HIV/Aids em decorrência de sua condição sorológica. Em determinados casos, também é assegurado à população soropositiva o auxílio-doença, a aposentadoria por invalidez e o Benefício de Prestação Continuada⁹.

Junto aos direitos legais e sociais, a população soropositiva tem acesso a tratamento gratuito, direito também conquistado pelo ativismo das ONG/Aids. Como explica Souto (2008), a terapia antirretroviral (TARV) é composta por medicações que atualmente possibilitam maior e melhor qualidade de vida às pessoas que vivem

⁸ Na década de 2000, mundialmente foi investido muito dinheiro para resolver a questão do HIV/Aids, incluindo acesso ao tratamento. Mas a partir dos anos 2008, iniciou-se um retrocesso no enfrentamento a epidemia em todo o mundo, com a diminuição de investimentos na área por partes dos Estados e de agências internacionais (PARKER, 2016).

⁹ FONTE: MS/SVS/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/direitos-das-pvha>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

com HIV/Aids e passou a ser ofertada gratuitamente no Brasil a partir de 1996 pelo Sistema Único de Saúde (SUS)¹⁰. O uso dos medicamentos impede a replicação do HIV no corpo, impossibilitando que os linfócitos CD4, células responsáveis pela defesa imunológica, sejam afetados ainda mais pela ação do vírus. Isso garante maior integridade do sistema imunológico, possibilitando biologicamente a melhora na qualidade de vida da pessoa e aumentando sua expectativa de vida. A irregularidade no uso da TARV pode fazer com a pessoa que vive com HIV fique mais exposta às doenças oportunistas e, conseqüentemente, à morte. É importante lembrar que os antirretrovirais não eliminam o vírus do organismo.

Atualmente, o Brasil dispõe de 16 tipos de antirretrovirais, cada qual utilizado em combinações de acordo com as necessidades e especificidades de cada paciente: Abacavir, Atazanavir, Darunavir, Dolutegravir, Efavirenz, Enfuvirtida, Etravirina, Lamivudina, Lopinavir/ritonavir, Maraviroque, Nevirapina, Raltegravir, Ritonavir, Tenofovir, Tipranavir e Zidovudina¹¹. O HIV/Aids ganhou status de doença crônica a partir do uso da TARV e da redução da morbimortalidade. Entretanto, a prevalência de doenças cardiovasculares, hipertensão e diabetes exige o acompanhamento contínuo por parte de uma equipe multidisciplinar (SOUTO, 2008, p. 53; BRASIL, 2018, p. 38). Em 2010, 243.198 pessoas vivendo com HIV estavam em tratamento no Brasil. O número saltou para 547.459 em 2017¹².

Se a descoberta de uma sorologia positiva para o HIV era sinônimo de sentença de morte no início da epidemia, o tratamento gratuito possibilitou que as pessoas vivendo com HIV/Aids tivessem uma melhor qualidade de vida e maior expectativa de vida¹³. Esse novo cenário mundial é denominado de *era pós-coquetel* ou pós-HAART (*Highly Active Anti-Retroviral Therapy*, em inglês) (BASTOS, 2006).

¹⁰ Essa ação foi oficializada por meio da Lei 9.313/1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9313.htm>. Acesso em: 18 nov. 2018.

¹¹ Os primeiros medicamentos, compostos por diversas combinações (popularmente conhecidas como “coquetel”), provocavam sérios efeitos colaterais. Os avanços tecnológicos e científicos sofisticaram tais drogas, que passaram a ser ministradas em doses menores e com poucos (ou quase nenhum) efeitos colaterais, o que possibilita uma adesão mais tranquila ao tratamento.

¹² FONTE: MS/SVS/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Disponível em: <<http://indicadoresclinicos.aids.gov.br/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

¹³ Apesar das favoráveis condições biológicas que a TARV pode oferecer, cidadãos soropositivos enfrentam inúmeras dificuldades no processo de auto-aceitação de sua condição e na adaptação e adesão aos medicamentos. Souto (2008) se aprofunda nessa questão ao mergulhar nas implicações existenciais do tratamento na vida de uma pessoa vivendo com HIV/Aids. Segundo ele, sentimentos de desvalorização, auto-estigmatização e de inferioridade podem dificultar a convivência com o vírus.

Outros pontos compõem também o atual cenário da era pós-coquetel: a terapia antirretroviral altamente ativa proporcionou a existência da *indetectabilidade*. Pesquisas apontaram que soropositivos que possuem carga viral indetectável há pelo menos seis meses e com boa adesão ao tratamento, não transmitem sexualmente o HIV¹⁴. As possibilidades de prevenção se ampliaram para além do uso do preservativo, no que tem sido denominada de *prevenção combinada*, estratégia que propõe ampliar as tecnologias de prevenção para além unicamente do uso do preservativo, possibilitando que cada indivíduo escolha para si próprio, a partir de suas demandas e especificidades, a melhor forma de prevenção¹⁵. Apesar do avanço, Parker (2016, p. 21) pontua que tecnologias de prevenção, como é o caso da profilaxia pós-exposição (PEP)¹⁶ e da profilaxia pré-exposição (PrEP)¹⁷, não estão disponíveis amplamente no país e o acesso a elas ainda é restrito.

3. DISCURSOS DO HIV/AIDS NA ERA PRÉ-COQUETEL

Se existe uma “era pós-coquetel”, podemos deduzir que exista também uma “era pré-coquetel”. É deste cenário de altos índices de adoecimento e mortalidade, de ausência de terapias avançadas e efetivas, de desconhecimentos e dúvidas, de onde provêm alguns dos ecos do estigma¹⁸ e do preconceito¹⁹ ouvidos ainda nos

¹⁴ No fim de 2017, o Programa Estadual de DST/Aids de São Paulo lançou uma Nota Informativa elucidando a questão. Disponível em: <<http://www.rnpvha.org.br/wp-content/uploads/2018/01/NOTA-INFORMATIVA-N%C2%BA-02.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

¹⁵ FONTE: MS/SVS/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/previna-se>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

¹⁶ A PEP consiste no uso de medicação antirretroviral em até 72 horas após um contato de risco. A medicação é utilizada durante 28 dias e reduz as chances de infecção pelo vírus. A PEP é utilizada no Brasil desde 1999, mas inicialmente se limitava a uma preocupação de acidentes ocupacionais, principalmente para profissionais da saúde. Ela também era utilizada em casos de reprodução assistida entre casais sorodiferentes (quando um parceiro é positivo e o outro não). A partir de 2013, ela passou a ser uma ferramenta a mais na prevenção do HIV.

¹⁷ A PrEP consiste no uso de medicamento antirretroviral antes que o indivíduo entre em contato com o HIV. Sua distribuição gratuita pelo SUS em 2017 alterou o paradigma do preservativo como ferramenta única de prevenção. O recurso tem sido uma alternativa para indivíduos que não desejam ou não conseguem utilizar o preservativo em suas relações sexuais. Porém, o uso da PrEP protege apenas do HIV, e não de outras IST como a sífilis, a gonorréia etc.

¹⁸ Segundo Goffman (1988), o estigma é um atributo distintivo visto socialmente como negativo. É fruto da categorização que a sociedade faz dos sujeitos, colocando-os sob expectativas normativas que, se não cumpridas, provocam um processo de desumanização, depreciação e marginalização. O autor cita três tipos de estigma: as “abominações do corpo”, as “culpas de caráter individual”, e os estigmas “tribais de raça, nação e religião”. Podemos inferir que as pessoas vivendo com HIV/Aids passam pelo processo estigmatizante da segunda categoria, já que o imaginário social que cerca a

dias atuais. É onde surge o que Bessa (1997) chama de “epidemia discursiva”, que fez com que o HIV/Aids fosse pauta importante de produções científicas, midiáticas e culturais, incluindo a literatura de ficção.

A imprensa da época passou a anunciar a questão do HIV/Aids mesmo antes dela, de fato, ser estatisticamente significativa no Brasil. A imprensa já noticiava a doença que se alastrava no exterior sem que a mesma tivesse afetado de fato a população brasileira, fazendo com que a temática ganhasse espaço não apenas no campo da comunicação, mas também na vida cotidiana. No entanto, isso não auxiliou numa resposta antecipada por parte do Estado. A epidemia foi menosprezada por diversas autoridades da saúde pública e os afetados foram considerados menos importantes por comporem uma parcela pequena da sociedade (DANIEL, 1991; DANIEL; PARKER, 1991).

O ensaio *Aids e suas metáforas* da escritora norte-americana Susan Sontag (2007) foi publicado originalmente em 1988. Nele, a autora recupera algumas de suas principais ideias desenvolvidas na obra *Doença como metáfora*, de 1978, sobre como a medicina, a imprensa etc. se utilizaram de metáforas militares para produzir discursos sobre as doenças, em específico a Aids²⁰.

Além da doença, o corpo também é objeto de metaforização: é templo, fábrica, fortaleza. Tal qual um inimigo de guerra, bactérias e vírus “invadem” um organismo e por isso é preciso “lutar” contra eles. A doença, assim, torna-se “inimigo invasor” e o organismo contra-ataca. O discurso da saúde pública se utiliza dessa metáfora no controle epidemiológico e a ação contra novas infecções é tida como guerra e luta. As metáforas militares ganham espaço na medicina no século XIX e são ainda mais visibilizadas no século XX nas campanhas contra a sífilis no período da Primeira Guerra Mundial e nas campanhas contra a tuberculose no período pós-guerra. O discurso político também se utilizou de metáforas em torno de

doença é perpassado por questões de cunho moral tais como homossexualidade, práticas sexuais dissidentes, uso de substâncias ilícitas etc.

¹⁹ Como pontua Crochík (1996), o preconceito é caracterizado por um estereótipo construído contra determinados sujeitos ou grupos, sendo-lhes impostas características ditas inerentes, mas que não passam de visões distorcidas e generalizantes da realidade. O preconceito envolve questões sociais, psíquicas e culturais, e é gerado durante o processo de desenvolvimento individual de cada pessoa.

²⁰ A edição utilizada na presente pesquisa foi publicada pela editora Companhia das Letras em 2007, e reúne em um mesmo volume ambas as obras *Doença como metáfora* e *Aids e suas metáforas*. Portanto, as referências às obras se darão aqui de forma única.

doenças para designar um “desequilíbrio” em determinada sociedade, uma “desordem política” ou moral, principalmente em regimes totalitários (judeus comparados a sífilíticos e posteriormente a um “câncer” a ser extirpado) (SONTAG, 2007).

Para Sontag (2007), encarar a doença como “inimigo” é ter também o doente como vítima, o que presume culpa. Está aí, então, a grande problemática da linguagem bélica: culpabilizar e estigmatizar o paciente.

A metáfora dá forma à visão de uma doença particularmente temida como um “outro” alienígena, tal como o inimigo é encarado nas guerras modernas e a transformação da doença em inimigo leva inevitavelmente à atribuição de culpa ao paciente, muito embora ele continue sendo encarado como vítima. A ideia de vítima sugere inocência. E inocência, pela lógica inexorável que rege todos os termos relacionais, sugere culpa (SONTAG, 2007, p. 85-86).

No caso do HIV/Aids, o desenvolvimento do vírus no organismo é lido como *invasão*, enquanto sua transmissão é tida como *poluição*. Por sua transmissão ocorrer principalmente por meio de relações sexuais, o HIV/Aids é encarado como castigo imposto ao sexo, especialmente às práticas sexuais não-heterossexuais. A metáfora da “peste” é também profícua no campo do HIV/Aids: é tido como uma doença do “indivíduo transgressor”, integrante de um “grupo de risco”, que pode atingir todo um conjunto de pessoas “inocentes” fora desse grupo. É também castigo imposto a toda uma sociedade permissiva que compactua com certa “frouxidão moral”, com uma “licenciosidade geral”; uma culpa que resvala em valores moralistas e religiosos, um castigo de Deus contra a decadência moral de todo um tecido social (SONTAG, 2007).

De acordo com Daniel e Parker (1991), outro fator que ajudou a cercar a doença de tantas sombras foi o fato dela ser transmissível, incurável e mortal. Quanto mais se relacionava a Aids à uma sentença de morte, menos se dava atenção à qualidade de vida das pessoas que viviam com HIV/Aids - partindo do pensando de Susan Sontag, a cidadania desses indivíduos era “colocada entre parênteses”. O preconceito e a desinformação da sociedade, e inclusive de profissionais de saúde, aconteceu por incompreensão na época do que era a

homossexualidade e a Aids, o que dificultava que as pessoas vivendo com a doença fossem atingidas pelas ainda engatinhantes políticas públicas.

Mas como tirar a Aids do campo das metáforas? É possível isso acontecer? Para Sontag (2007), as doenças não deveriam ser metaforizadas. É preciso esvaziar as doenças de significados, tornando-as apenas doenças. No entanto, ela afirma que “[...] é impossível pensar sem metáforas. Mas isso não impede que haja algumas metáforas que seria bom evitar, ou tentar retirar de circulação” (SONTAG, 2007, p. 81).

A metáfora militar em torno das doenças, e especificamente no caso da Aids, é extremamente prejudicial, pois justifica atitudes autoritárias por parte do Estado contra as pessoas que vivem com a doença. Para isso, é preciso desconstruir as metáforas militares, pois elas provocam “representações exageradas” e contribuem para a estigmatização e culpabilização de sujeitos. Como afirma a própria autora, “o corpo não é um campo de batalha” e os doentes não são inimigos a serem combatidos. Diante de tal complexidade, a autora propõe desmascarar, criticar, atacar e desgastar as metáforas (SONTAG, 2007).

Sob a influência da ciência e da medicina, veículos jornalísticos desempenharam importante papel na disseminação dos discursos bélicos que colocam pessoas vivendo com HIV/Aids em situação de culpa. Tais abordagens influenciaram o campo das relações sociais e os da comunicação e da arte, como será visto a seguir.

4. COMUNICAÇÃO, ARTE E NARRATIVAS PÓS-COQUETEL

Camargo Jr. (1994, pp. 45-48) explica que, em países desenvolvidos, a Aids surge em um contexto em que grandes epidemias letais eram consideradas “coisas do passado”. O pânico em torno dela foi gerado também ao se perceber as limitações da onipotente medicina diante de uma doença até então desconhecida. A epidemia trouxe à tona temas considerados tabu pela sociedade e a comunidade médica. Sob a ideia de neutralidade científica, preconceitos foram “cientificizados” e

“naturalizados” para se construir uma investigação epidemiológica²¹. A “histeria oportunista” da imprensa é reflexo dos posicionamentos iniciais da própria medicina.

Não somente a ciência biomédica é considerada detentora de uma intrínseca imparcialidade. De acordo com Soares (2001), enquanto instituição social, o jornalismo busca ideias de neutralidade e objetividade, mas há diversos discursivos que colocam os jornalistas longe da isenção imaginada. As notícias são produtos culturais que geram conhecimento. Para a autora, as produções jornalísticas não deveriam ser vistas como “meras descrições de acontecimentos ou processos”, mas sim como construtoras da realidade.

A autora considera a Aids um fenômeno social e principalmente uma *construção discursiva*. A ciência biomédica abordou a temática sob um prisma estigmatizante, colocando-a como a doença do “Outro”, como se não fosse atingir as demais parcelas da população, ajudando a reforçar a ideia de “grupo de risco”. Posteriormente, a imprensa da época reproduziu esse imaginário, associando a temática a sentidos negativos de morte, dor e sofrimento, por exemplo (SOARES, 2001).

A monogamia e a abstinência sexual entre homens que fazem sexo com homens (HSH) eram sugeridas pelas revistas como maneiras de se evitar a Aids. A disseminação de informações imprecisas e preconceituosas se dava também em jornais e programas de televisão e de rádio, propagadas por setores médicos, religiosos, políticos etc. Como exemplo de discursos homofóbicos na mídia, destacamos o jornal baiano *A Tarde*, que algumas vezes propôs que gays fossem exterminados para que a epidemia de Aids fosse contida (TREVISAN, 2018). Também a televisão foi grande responsável por promover uma “espetacularização da morte”, disseminando imagens de homossexuais degradados pelo sarcoma de Kaposi, sofrendo em agonia em hospitais (PERLONGHER, 1987).

²¹ Segundo Trevisan (2018, p. 401), parte da comunidade médica brasileira sugeriu intervenções diretas contra a comunidade gay. Sob o discurso da saúde pública, médicos de São Paulo e Rio de Janeiro propuseram o fechamento e a proibição de espaços de sociabilidade homossexual, tais como as saunas e os bailes gays no Carnaval.

Nos anos de 1980, a epidemia de Aids provocou uma lacuna na produção de uma imprensa gay²² que estava em desenvolvimento no Brasil desde o início de 1960. A situação se reverte a partir de 1990, com o surgimento das revistas *Sui Generis*, no Rio de Janeiro, e a *G Magazine*, em São Paulo (PÉRET, 2012).

Pessoas públicas tinham seu status sorológico especulado pela imprensa e seu público; se viam obrigadas a desmentir boatos, ostentando resultado negativo para o HIV como “certificado” de normalidade (TREVISAN, 2018). Especulações sobre a sorologia alheia eram comuns, gerando boatos que necessitavam ser desmentidos. Outras vezes, as revelações viam espontaneamente dos próprios soropositivos através de entrevistas. Esta prática confessional na mídia acontece com mais força entre 1990 e 1994, em um processo que Marcelo Secron Bessa chama de “nova inquisição iniciada pela Aids”. A imprensa se preocupava em não só trazer histórias de pessoas acometidas pela Aids, mas também em mostrar o rosto delas por meio de fotos e entrevistas que pudessem garantir venda e lucro. Se antes a Aids era denunciada pelo próprio corpo do indivíduo através de sintomas visíveis como o sarcoma de Kaposi e a perda de cabelo e de peso, após a distribuição gratuita de medicamentos antirretrovirais isso passa a acontecer cada vez com menos frequência (BESSA, 2002, pp. 158-160).

A prática confessional se expande também para o campo literário, principalmente em livros autobiográficos. Em *Os perigosos: autobiografias & Aids*, Bessa (2002) analisa as autobiografias de caráter confessional de Alberto Guzik, Jean-Claude Bernardet, Valéria Polizzi e Mário Rudolf. Bessa desenvolve a ideia de que, mesmo que o HIV/Aids tenha sido o fio condutor nesses trabalhos, cada qual abordou a temática de forma distinta e particular. A experiência da doença e reflexão sobre a morte permeava quase todas essas produções.

Segundo Bessa (1997), a literatura ficcional ajuda a desconstruir visões e ideias fixas sobre a Aids. Para ele, tal literatura formula outras concepções sobre corpo, sexualidade e doença, possibilitando um olhar contra-hegemônico sobre a questão, para além dos discursos estigmatizantes construídos, principalmente, pela imprensa da época.

²² De todos os veículos de comunicação que Péret (2012) cita em seu trabalho, destacamos os jornais *O Snob* (1963-1969) e *Lampião da Esquina* (1978-1981), e a *Coluna do Meio* (1976-1979), escrita pelo jornalista Celso Curi no jornal paulistano *Última Hora*.

Publicada em 1983, a novela “Pela noite”, de Caio Fernando Abreu, é a primeira obra literária brasileira a abordar a temática “[...] e tem o mérito de discutir muitos dos discursos paranóicos em que, no início, circulavam a epidemia e suas personagens, e que ainda lhes dão forma.” (BESSA, 1997, p. 74). Porém, o texto - e outras produções que vieram posteriormente - não traz a questão de forma escancarada. Ao contrário, por exemplo, dos trabalhos literários e ensaísticos de Herbert Daniel e Susan Sontag.

Para falar sobre a Aids, Daniel e Sontag não usam metáforas em seus ensaios para que haja “um entendimento menos tendencioso da epidemia”. Mas não nomear a Aids na ficção, como o faz Caio Fernando Abreu²³, também é uma forma de falar dela, de expandir o entendimento sobre ela para além dos discursos limitados e estereotípicos, sem receios ou remorsos (BESSA, 1997).

Alexandre Nunes de Sousa (2016) aponta que o tema do HIV/Aids passou por mudanças nas produções artísticas (no cinema e na literatura, principalmente) em decorrência da formulação de medicamentos mais avançados em questão de tratamento²⁴. Se na era pré-coquetel a descoberta de uma sorologia positiva para o HIV era sinônimo de morte, o tratamento deu qualidade de vida e aumentou a expectativa de vida das pessoas vivendo com HIV/Aids na era pós-coquetel.

As produções artísticas e culturais também acompanharam essa transformação. Se antes o *morrer de Aids* era o espírito que habitava boa parte das produções nas décadas de 1980 e 1990, na contemporaneidade o *viver com HIV* é que se torna presente. Este outro e recente discurso é o que Sousa (2016) chama de *narrativa pós-coquetel*, conceito fundamental para a presente pesquisa. De modo

²³ Caio Fernando Abreu foi um dos escritores brasileiros que mais se destacaram ao trazer a temática em suas obras, mesmo que de maneira por vezes indireta. De seus trabalhos, destaca-se a novela *Pela noite*, que integra a obra “Triângulo das Águas”, de 1983, o conto *Linda, uma história horrível*, publicado no livro “Os dragões não conhecem o paraíso”, em 1988, o romance *Onde Andará Dulce Veiga?*, de 1990, e *Cartas para além dos muros*, conjunto de crônicas em formato de cartas publicado entre 1994 e 1995 no jornal O Estado de São Paulo, durante a permanência do escritor no Hospital Emílio Ribas, em São Paulo (MELO; PENNA, 2017). O escritor gaúcho faleceu em 1996 por complicações da Aids. Para compreender como os temas da morte, Aids, vida e memória se inseriram na escrita de Caio, consultar Oliveira (2010).

²⁴ O controle da doença passa a refletir em um certo desaparecimento da pauta pela mídia, o que diverge da realidade brasileira: os altos índices de infecção de HIV pela população jovem de homens que fazem sexo com homens (HSH), a censura de campanhas de prevenção por parte do Estado, e o avanço político conservador contra as pautas referentes à sexualidade (MELO; PENNA, 2017).

mais específico, o autor pontua também a existência de uma *literatura pós-coquetel* (SOUSA, 2015a; 2015b).

Em complemento a essa questão, Melo e Penna (2017) pontuam:

(...) a vida com o vírus do HIV, e não mais a morte por AIDS, passa a ser o enfoque dessas obras, que passam a se debruçar sobre questões como a presença e importância dos medicamentos antirretrovirais nas vidas dos soropositivos, os relacionamentos sorodiscordantes, a autodescoberta e a espiritualidade, dentre tantas outras (MELO; PENNA, 2017).

Sousa (2015b; 2016) aponta três características das narrativas pós-coquetel no cinema e na literatura norte-americanos: a) O tema da epidemia deixa de ser parcial ou totalmente central em algumas narrativas; b) Em contrapartida, outras produções resgatam o passado da Aids no que o autor chama de “narrativas de memória”, referenciando pessoas que viveram e/ou morreram no período; e c) O surgimento de “relatos/narrativas de ‘cronificação’ da síndrome”, que insere o HIV em uma realidade cotidiana, revelando a possibilidade de uma vida soropositiva proporcionada pelo tratamento: aqui, o vírus é mais uma das tantas características que compõem a complexidade da vida. Estes três pontos da narrativa pós-coquetel servirão de espinha dorsal para a análise do livro *Tente entender o que tento dizer*, objeto do presente estudo.

5. RESPOSTAS CULTURAIS À EPIDEMIA DE HIV/AIDS NAS ERAS PRÉ E PÓS-COQUETEL

O surgimento de organizações de base comunitária foi uma das respostas à epidemia nas décadas de 1980 e 1990. Elas foram inicialmente formadas pelos grupos mais afetados e tinham (e continuam tendo) por função contribuir para mobilizar a sociedade e reivindicar direitos ao poder público. Junto a isso, houve também uma resposta cultural à problemática. Altman (1995, pp. 114-116) evidencia duas ações em específico: o *Quilt* (Colcha) e as *Candlelight Vigils* (Vigílias à Luz de Velas). A Colcha²⁵ consiste no registro em tecido do nome e de outras memórias de

²⁵ Inspirado pelo *Quilt* norte-americano, o Ministério da Saúde criou em 2018 a campanha “30 anos do Dia Mundial de Luta contra a Aids”, que buscou mobilizar as pessoas pelas redes sociais para que

peças faldadas em decorrência da Aids e passou a ser organizada pela comunidade gay com base em uma tradição norte-americana. Estes fragmentos afetivos eram costurados e, juntos, formavam uma gigantesca Colcha que crescia conforme os óbitos por Aids aumentavam anualmente. Os projetos da Colcha saíram dos Estados Unidos e foram reproduzidos em cidades da Europa, África e América Latina. A lamentação e a dor do luto também eram expressadas na Candlelight Vigil que teve origem em São Francisco em 1983. Nesta ação, os mortos são homenageados em vigílias acompanhadas de velas acesas.

O HIV/Aids também esteve presente em diversas expressões artísticas. Do cinema à dança, da literatura à música, ele marcou e continua marcando presença em diversas obras mundo afora. Seria um trabalho por demais extenso para a presente análise citar e sistematizar todas as músicas, livros, espetáculos, exposições e filmes que trouxeram, de forma direta ou indireta, a questão do HIV/Aids desde o início de 1980. Por isso, citaremos apenas alguns dos exemplos trazidos por Altman (pp. 117-120). Na música, temos a *Primeira Sinfonia* de John Corigliano escrita em resposta à Aids, e também o *Réquiem* do compositor Andrew Worton-Steward. No teatro, as peças *As Is*, de William Hoffman, *The Normal Heart*, de Larry Kramer, e *Angels in America*, de Tony Kushner (as duas últimas foram, anos depois, adaptadas para o cinema). Na literatura ficcional, é longa a lista de escritores: David Feinberg, Herve Guibert, Andrew Holleran, Adam Mars-Jones, Sarah Schulman, Reinaldo Arenas, entre outros.

No campo das mobilizações políticas, os grupos *ACT UP (AIDS Coalition to Unleash Power*, em inglês, e que posteriormente adotou o nome de *Gran Fury*) e o *Testing the Limits*. Considerados “radicais” por vezes, uma das características destes coletivos era o trabalho fortemente voltado a ações diretas e intervenções artísticas por meio de trabalhos visuais²⁶. Para Douglas Crimp (2017), o tipo de trabalho desenvolvido por eles e outros artistas ainda era voltado a um grupo elitizado, que já havia tido algum tipo de contato com um fazer artístico mais

criassem virtualmente suas colchas, que poderiam ser enviadas por um *hot site*. As mensagens foram impressas em tecido e expostas no gramado da Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Disponível em: <www.diamundial30anos.com.br>. Acesso em: 26 nov. 2018.

²⁶ Da ACT UP/Gran Fury, destacamos alguns trabalhos: o painel *Kissing Doesn't Kill* (1990), os cartazes *SILENCE = DEATH* (1986), *Read My Lips* (1988) e *Untitled (The Pope and The Penis)* (1990).

engajado, e que se distanciava de grupos mais afetados pela epidemia, como pessoas mais pobres, porto-riquenhos e imigrantes da América do Sul ou Central.

Para Parker (2016), o ativismo cultural é uma importante forma de enfrentar a epidemia de infecção de HIV e de dar novos olhares à questão. Ele cita como exemplo de ações culturais os cartazes e materiais informativos produzidos por ONGs, grupos ativistas e sociedade civil, e projetos comunitários e espetáculos teatrais. Essas “[...] intervenções comprometidas com as mudanças necessárias para abrir o caminho para o enfrentamento à epidemia” (*Ibidem*, p. 20) ultrapassaram os limites do discurso de gestores públicos e das ordens médicas, indo além da máxima ineficiente “use camisinha” - este discurso foi sendo abandonado, inclusive, em campanhas públicas de prevenção.

Sousa (2015a) também contribui com a lista de exemplos. O HIV/Aids esteve presente nos grafites de Keith Haring, nas produções audiovisuais do chamado New Queer Cinema, e no musical *Rent*, de Jonathan Larson (posteriormente transformado em filme). Na literatura de Michael Cunningham²⁷, o “ponto de mutação” das narrativas entre as eras pré e pós-coquetel acontece na obra *As horas* que, em 2001, virou filme dirigido por Stephen Daldry. A partir daí, outras obras se somam ao conceito de literatura pós-coquetel: os livros *Ouvinte da Noite* e *Michael Tolliver Lives*, publicados por Armistead Maupin em 2000 e 2007, respectivamente. *Dois garotos se beijando*, de David Levithan, e a *grafic novel Pílulas azuis*, de Frederik Peeters, chegaram ao Brasil em 2015 e compõem o rol de obras que também trazem narrativas pós-coquetel.

Na área audiovisual, Sousa (2015b) cita a minissérie *Angels in America* (2003), de Mike Nichols, e os filmes *Rent* (2005), de Chris Columbus, e *The Normal Heart* (2012), de Ryan Murphy (todos eles surgidos a partir de obras teatrais). Outros dois filmes que compõem a lista são *Clube de Compra Dallas*, de Jean-Marc Vallée, e *Test*, de Chris Mason Johnson, ambos de 2013. O documentário português *E agora, lembra-me* (2014) é citado por Sousa como exemplo de “cronificação” na narrativa pós-coquetel, já que o diretor Joaquim Pinto narra suas experiências pessoais com o tratamento antirretroviral, assim como acontece na HQ *Pílulas azuis*,

²⁷ O HIV/Aids teve presença marcante em diversas obras de Cunningham, como em “Uma casa no fim do mundo”, de 1990, “Laços de Sangue”, de 1994, “Ao anoitecer”, de 2010, e “The Snow Queen”, de 2014 (SOUSA, 2015a).

que conta a história de um casal heterossexual e sorodiferente (relacionamento afetivo-sexual onde uma pessoa vive com HIV e a outra não) que precisa lidar no cotidiano com os desafios e dilemas da sorologia positiva.

Alguns livros publicados no Brasil na “era pós-coquetel” surgiram de *blogs* e são “fruto das evoluções tecnológicas das últimas décadas”, como é o caso de *Uma vida positiva* (2012), de Rafael Bolacha, e *O segundo armário: diário de um jovem soropositivo* (2016), escrito por Salvador Corrêa sob o pseudônimo de Gabriel. Algumas das questões trazidas nessas obras é o viver com HIV e as mudanças implicadas: como ter uma vida afetivo-sexual diante do preconceito; como (ou não) anunciar a amigos e familiares a sorologia positiva; como se adaptar à medicação diária e aos seus possíveis efeitos colaterais (MELO; PENNA, 2017). Podemos relacionar tais produções com as narrativas confessionais que Bessa (2002) identificou nas autobiografias sobre Aids publicadas nas décadas de 1980 e 1990. A “confissão” (neste caso, espontânea) da sorologia positiva, que antes se manifestava pela imprensa e em livros físicos, continua marcando presença nas páginas de papel, mas agora, com a Internet, se dá também em espaços virtuais.

Em complemento aos exemplos de trabalhos artísticos que de alguma forma tematizaram o HIV/Aids, trazemos alguns títulos que não foram citados pelos autores. A nível internacional, o longa-metragem *120 Batimentos por Minuto* (2018), dirigido por Robin Campillo, resgata a história da atuação do grupo ativista ACT UP na França, na década de 1990. Na série *Elite*, produzida em 2018 pela plataforma de *streaming* de vídeos Netflix, uma das personagens principais, Marina, vive com o HIV. Em alguns episódios, a jovem narra sua vivência com o vírus, o medo do estigma e sua relação com os antirretrovirais. Chega a contar, de modo bastante didático, a questão da indetectabilidade viral proporcionada pelo tratamento. Outra série que traz a questão é *Pose*, produzida por Ryan Murphy para o canal Fox. A trama se passa em Nova Iorque no fim da década de 1980 e resgata a cultura das *balls* (bailes organizados pela comunidade negra e LGBT norte-americana, onde seus integrantes desfilam com roupas e fantasias temáticas com fins competitivos), e do *voguing* (estilo de dança performativa criada por LGBTs do Harlem também no mesmo período) tendo como pano de fundo a epidemia de HIV/Aids.

Na cena musical brasileira, temos o trabalho da cantora e compositora Silvano, que em 2017 lança a música *Olhos Amarelos* (cuja letra compõe o rol de textos de *Tente entender o que tento dizer*), a qual apresenta os desafios diante dos efeitos colaterais do tratamento antirretroviral em seu corpo e os impactos do estigma e do preconceito em suas subjetividades. No Brasil, também vemos surgir os Coletivos Amem, Loka de Efavirenz e Contágio Coletivo, cujas ações culturais e políticas, protagonizadas majoritariamente por jovens, são pautadas por discursos contra-hegemônicos em intersecção com pautas de raça/etnia, classe, gênero e sexualidade. Os grupos realizam festas, performances artísticas e participam de debates, oficinas e rodas de conversa, sempre em conexão com as novas ferramentas de tecnologia e comunicação. Ainda sobre a Internet, soropositivos criaram canais no YouTube como forma de compartilhar suas experiências com o vírus. Entre os canais estão o *Prosa Positiva*, de Daniel Fernandes, o *HDiário*, de Gabriel Comicholi, o *Super Indetectável*, de João Geraldo Netto, e o *Chá dos 5*, de Rafael Bolacha.

Como pudemos observar, o HIV/Aids também esteve presente em variadas expressões artísticas que refletiram o período social e histórico de quando foram produzidas. De morte eminente a uma vida possível, o HIV/Aids continua até hoje a habitar narrativas, como é o caso da antologia *Tente entender o que tento dizer*, objeto da presente pesquisa e que será analisada adiante.

6. METODOLOGIA: ANÁLISE DO LIVRO *TENTE ENTENDER O QUE TENTO DIZER*

Apesar de diversos escritores já terem abordado a temática do HIV/Aids em obras literárias (prosa, poesia etc), é pela primeira vez, no Brasil, que é publicada uma antologia dedicada exclusivamente à temática. O livro *Tente entender o que tento dizer* foi publicado em 2018 pela Editora Bazar do Tempo e conta com organização de Ramon Nunes Mello. A antologia poética é composta por textos de 96 poetas brasileiros. O livro é composto por um sumário, um texto de apresentação intitulado “A linguagem é o verdadeiro vírus: corpo é texto”, de Ramon Nunes Mello, as partes temáticas I, II e III, as quais abarcam as poesias, um posfácio escrito por

Alexandre Nunes de Sousa, chamado “Poesias positivas na era pós-coquetel”, e uma última seção chamada “Ainda a palavra”, que abarca um pequeno artigo de Denilson Lopes e um conjunto de ilustrações do artista plástico Felipe Stefani. O livro se encerra com “Sobre os autores” e “Sobre o organizador”, que trazem uma pequena biografia dos escritores, e um índice de títulos organizado em ordem alfabética por meio dos primeiros versos de cada poesia²⁸.

6.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A análise da antologia *Tente entender o que tento dizer* terá caráter qualitativo e analítico e será feita por “blocos”, tendo em vista que a obra é dividida em três partes temáticas. Segundo o organizador Ramon Nunes Mello, o livro se estrutura em três eixos: “a linguagem; os poemas dedicados às vítimas da epidemia; e um eixo mais complexo que comporta o corpo, a vida, o cotidiano, ou o tempo e seus desdobramentos” (MELLO, 2018, p. 20).

As especificidades de cada um dos eixos poderão ser localizadas a partir de uma análise em partes. A pesquisa se dará a partir das formas de narrar o HIV/Aids encontradas na “narrativa pós-coquetel”, conceito que compreende a influência da terapia antirretroviral na mudança de abordagem sobre o tema do HIV/Aids no cinema, na literatura e em outras linguagens artísticas. O tema de cada um dos eixos será considerado a partir das características da narrativa pós-coquetel, que serão apresentadas adiante.

O conceito propõe que o tema do HIV/Aids, na atualidade, vem sendo abordado pela ótica da continuidade da vida e suas conseqüentes complexidades, e não mais do encerramento da mesma, provocada pelo adoecimento em decorrência da Aids. A pesquisa terá como base as três características principais das narrativas pós-coquetel. A presença destas características, se ocorrida, será evidenciada através de trechos das poesias. A descrição de cada uma das características pode ser conferida no quadro abaixo:

²⁸ A presente pesquisa se debruçará somente nas poesias presentes nas partes I, II e III. Ilustrações, artigos e demais textos não compõem o *corpus* de análise deste trabalho.

Quadro 1 - Características das narrativas pós-coquetel

CARACTERÍSTICA	DESCRIÇÃO
Descentralização do tema da epidemia	A epidemia de HIV/Aids nas décadas de 1980 e 1990 deixa de ser tematizada, total ou parcialmente.
Narrativas de memória	Quando tematizada, a epidemia de HIV/Aids é referenciada a partir de vivências do período. Existe uma rememoração que aponta para o sentido de “naquele tempos vivíamos assim.”
Relatos/narrativas de “cronificação” da síndrome	Com o <i>status</i> de “doença crônica” após o surgimento da terapia antirretroviral, questões intrínsecas ao viver com HIV/Aids são retratadas nas obras: a presença dos medicamentos, os relacionamentos sorodiferentes, a vivência pessoal com o vírus, a revelação ou ocultação da sorologia etc.

Fonte: Quadro produzido pelo pesquisador com base em informações de Sousa (2015a; 2015b; 2016) e Melo e Penna (2017).

Assim, algumas perguntas serão levantadas: as poesias de *Tente entender o que tento dizer* trazem a epidemia de HIV/Aids nos anos de 1980 e 1990 como tema central? Elas falam sobre morte ou vida? A medicalização, as questões afetivo-sexuais e os impactos sociais da doença estão presentes nas poesias? Se sim, de que forma isso acontece?

A análise também será realizada com base em outros autores anteriormente trabalhados. Bessa (1997) observa que, nas décadas de 1980 e 1990, a literatura de Caio Fernando Abreu trouxe o tema do HIV/Aids de maneira por vezes subentendida. O tema chega a ser abordado explicitamente, inclusive de forma nominal, apenas no fim de sua vida. A maneira como se é tematizado o HIV/Aids será levada em consideração na presente pesquisa, no intuito de entender se atualmente as poesias abordam o assunto de maneira elipsada ou não.

6.3. PARTE I: A LINGUAGEM

Dedicada à linguagem, a primeira parte da antologia conta com 43 poesias. Os textos que compõem a parte I são:

Quadro 2 - Poesias da Parte I de *Tente entender o que tento dizer*

(continua)

POESIA	AUTOR/A
Sim	Silviano Santiago
Defesa e ilustração	Nelson Ascher
Dias contados	Marília Garcia
Vida versão dois	Paulo Scott
[para abrir um poema é preciso ter as mãos livres] ²⁹	Luana Carvalho
Os Himalaias	Eduardo Sterzi
Noite na taverna	Antonio Carlos Secchin
Notícia	Leonardo Gandolfi
[toda palavra basta:]	Leonardo Chioda
Sobre compartilhar	Ana Paula Simonaci
Agá e vê	Flávia Muniz Cirilo
[EFGHIVJ]	Ayrton Alves Badriyyah
[EU ■ OU]	Omar Salomão
Pintores e esperança	Sylvio Fraga
Cordel positivo	Leonardo Marona
Anticamoniana	Fernando Impagliazzo
A biologia diz	Maria Isabel Iorio

²⁹ Todas as poesias aqui citadas entre colchetes não possuem título, e referem-se ao primeiro verso de cada trabalho. Foi mantida a forma com que Ramon Nunes Mello organizou o sumário da antologia.

Quadro 2 - Poesias da Parte I de *Tente entender o que tento dizer*

(continuação)

POESIA	AUTOR/A
[VIDACONTAGIACOMVIDAATODAVIA]	André Vallias
Ponte de corte	Bruna Miltrano
Controle de morte	João Gomes
Rima discordante	Kako Arancibia
Diacronia poética IV	Felipe da Fonseca
Escrevo com todas as letras	Chacal
Contaminação	Mariel Reis
Outro você	Domingos Guimaraens
Nota sobre a invariabilidade do teste ou 1 poema reagente	Rita Isadora Pessoa
Descoberta	Juliana Krapp
Anotação sobre um rio que corre à revelia de tudo	Micheliny Verunschik
Síndrome da humana deficiência adquirida	Paulo Sabino
O que me mata	Gabriel Mação
Peso do vírus	Ricardo Dalai
Vírus/Verso	Renato Rezende
Angústia	Victor Heringer
Piegazmente piegaz	Rodrigo de Souza Leão
Elegias ao nada	Rodrigo de Souza Leão
Os trabalhos da linguagem	Vinicius Varela
Pena de morte	Kesley Rocha Dias

Quadro 2 - Poesias da Parte I de *Tente entender o que tento dizer*

(conclusão)

POESIA	AUTOR/A
Diamante dinamite	Pedro Rocha
Detalhe	Regina Azevedo
Quarta-feira, 16 de setembro	Marcos Fábio de Faria
A música do sábado	Luís Capucho
Canção silenciosa	João G. Junior
[Tente entender:]	Letícia Brito

Fonte: Quadro produzido pelo pesquisador.

A maioria das poesias não cita as siglas “HIV” e “Aids”. Nelas, as referências ao vírus e/ou à doença se dão de maneira implícita, assim como Bessa (1997) observou ocorrer em muitos dos trabalhos de Caio Fernando Abreu. Os textos que citam diretamente o HIV/Aids são “Noite na taverna”, de Antonio Carlos Secchin (Brindemos ao que esconde o futuro:/metáforas, Aids e ossos), o título da poesia “Agá e Vê”, escrita por Flávia Muniz Cirilo, a poesia visual [EFGHIVJ] de Ayrton Alves Badriyyah, em “Diacronia poética IV”, de Felipe da Fonseca (João amou Teresa que/amou Raimundo/que amou Maria que/amou Joaquim/que tinha sido amante de Lili que tinha SIDA), em “Outro você”, de Domingos Guimaraens (- Alô (baixinho)/ É do laboratório./Você fez um exame/HIV/Um resultado/Inconclusivo), em “Anotação sobre um rio que corre à revelia de tudo”, de Micheliny Verunschik (nem a confusão dos homens/nem o turbilhão da aids [...] impedem esse rio de correr/rio imenso/incomensurável rio/de mim para você, amor), em “O que mata”, de Gabriel Mação (E ainda em mim/Corre o meu sangue/Positivo/Humano), na poesia visual “Angústia”, de Victor Heringuer, em “Piegazmente piegaz” (eu queria ser a cura pra aids) e “Elegias ao nada” (o que beija a minha jugular/o que me matou de aids) ambos de Rodrigo de Souza Leão, e em “Pena de morte”, de Kesley Rocha Dias (Detento com HIV diagnosticado/puxa cadeia dobrado [...] Sobreviver até o alvará cantar é sorte/HIV na tranca é pena de morte).

Algumas narrativas se repetem no conjunto de textos, como a da contaminação. Em “Anticomoniana”, de Fernando Impagliazzo, a contaminação está no cotidiano. Não a contaminação do HIV, mas a do amor, do desejo e da troca (Cantar, que amar se contamina/amando, estamos todos contaminados). A vida também é contagiosa em “Vírus/Verso”, de Renato Rezende (A vida se pega por contágio,/mas é um tipo muito raro de vírus). No texto, o vírus é encarado como a possibilidade de recomeço, de experimentar a vida de outra forma. Já em [Tente entender:], Letícia Brito enumera em cada verso tipos de pessoas das quais tem vínculo de amizade: amigos LGBT, diabéticos, veganos, usuários de maconha, machistas, que jogam basquete, que vivem com HIV etc. O HIV está inserido no cotidiano, como algo diverso, mas também corriqueiro. Ou seja, soropositivos coexistem em uma pluralidade de pessoas, inseridas em tantas outras realidades, hábitos e vivências; são, assim, como qualquer outra pessoa.

A medicalização também está presente em alguns textos. Não a medicalização dos antirretrovirais especificamente, mas o controle da medicina sobre os corpos, como é o caso de “Controle de morte”, de João Gomes. Já em “A música do sábado”, de Luís Capucho, uma “jovem bicha triste” perambula uma cidade litorânea à noite, pedindo dinheiro e frequentando banheiros públicos. A medicação, aqui, é mais uma das coisas que faz durante a noite (Tomo os remédios e continuo/Da beirada vejo o céu aberto/Passo entre homens inchados e sujos). A iminência da infecção pelo HIV via sexual está presente em “Ponto de corte”, de Bruna Miltrano. Nele, é citado diretamente elementos do universo do HIV, como o exame para contagem de linfócitos CD4 (células responsáveis pela defesa do organismo), a PEP e a PrEP (nunca contei cd4/nem fiz pep prep). Ambas as estratégias de profilaxia, ofertadas de maneira ampla à população, são fruto dos avanços das ciências biomédicas e das políticas públicas de HIV/Aids da chamada “era pós-coquetel”, e a poesia “Ponto de corte” pontua este período, não podendo ter sido escrita antes deste tempo. Ou seja, a poesia fala de um “agora”, de um momento presente.

Outra narrativa que marca as páginas da primeira parte da antologia é a da descoberta do HIV. Em “Outro você”, de Domingos Guimaraens, o resultado inconclusivo de um teste de HIV traz ao narrador uma angústia que provoca-lhe uma

reflexão sobre sua própria vida e sobre suas “constantes negligências” sexuais. Rita Isadora Pessoa, em “Nota sobre a invariabilidade do teste ou 1 poema reagente”, traz a história de uma “mulher assintomática” que carrega a dúvida do status sorológico. Outras situações de testagem de HIV também aparecem em “Diamante dinamite”, de Pedro Rocha. Em todos os textos, a angústia da dúvida permeia a espera do resultado positivo ou negativo.

A questão do preconceito é marcante em outras poesias. Paulo Sabino, em “Síndrome da humana deficiência adquirida”, a ignorância, a intolerância, o preconceito e a desinformação são os verdadeiros males que devem ser combatidos. Em “O que mata”, de Gabriel Mação, o preconceito contra as pessoas que vivem com HIV é um mal maior do que o próprio vírus. Essa mesma ideia está presente em “Peso do vírus”, de Ricardo Dalai. Mais pesado do que o “vírus do sangue” é o “vírus da alma”, que atinge não somente corpos soropositivos, mas também LGBTs em decorrência da orientação sexual e identidade de gênero. De modo geral, nestas poesias o preconceito e a violência gerada por ele são muito piores do que o HIV em si.

Na Parte I, a vulnerabilidade do corpo e o desejo de liberdade aparecem em duas poesias: em “Escrevo com todas as letras”, de Chacal, o narrador, que se diz pertencente ao chamado “grupo de risco”, quer um amor livre, um desejo pelo rompimento de padrões, de conhecer o outro, o diferente de si. Já em “A biologia diz”, de Maria Isabel Iorio, “os vírus são discretos” e silenciosamente se desenvolvem no corpo; um corpo exposto e despido, vulnerável aos empecilhos da vida. Assim, ora o corpo quer romper limitações, ora está imerso em fragilidades.

Por fim, destacamos a poesia “Rima discordante”, de Kako Arancibia. Ela faz referência direta aos pensamentos de Susan Sontag (2007). Aqui, o HIV não é adversário e sua infecção não é encarada como invasão. A infecção possibilitou ao narrador formular um outro viver. O corpo não é um território de guerra, como Sontag acredita que deve ser: não deixar o vírus ser inimigo (dizem que plantou-se em mim uma invasão/no núcleo macio do meu circo; detectei a possibilidade de uma sorte [...] ao entender que não sou território de uma guerra; sem batalhas, sem exércitos, sem inimigo,/me curo de medos, bombas e fantasmas). Diante do vírus, há um lampejo de uma vida saudável e com possibilidades.

Em suma, nem todas as poesias presentes na Parte I da antologia citam diretamente a questão do HIV/Aids, que se apresenta muitas vezes de forma sutil, subentendida ou metaforizada. Também se fazem presentes temas como o controle da vida pela medicina, a angústia do diagnóstico, o preconceito e suas violências, e a potencialidade e a fragilidade do corpo.

6.4. PARTE II: MEMÓRIA

A segunda parte do livro é composta por 15 poesias. Em comparação com as outras partes, é a menor do livro. Os textos que a compõem são:

Quadro 3 - Poesias da Parte II de *Tente entender o que tento dizer*:

(continua)

POESIA	AUTOR/A
Buquê	Antonio Cícero
Célio no céu, com toda a sorte de pedras preciosas	Angélica Freitas
Um poema a Leonilson	Rafael Iotti
[não queria falar da morte mas ele]	Annita Costa Malufe
Poemas pra Adelaide	Bruno Cattoni
Já se passaram dez anos	Diego Moraes
Para um (quase) amigo soropositivo	Fabrizio Corsaletti
Inventário de João	Lúcia Bettencourt
Exangue	Guilherme Ramos
O riso de Demócrito	Mauricio Duarte
Pra eles não deu	Viviane Mosé
Beto	Bruno Molinero

Quadro 3 - Poesias da Parte II de *Tente entender o que tento dizer*:

(conclusão)

POESIA	AUTOR/A
[vivíamos em tempos de liberdade sexual, paz e amor]	Bayard Tonelli
Do amor	Thiago Ponce de Moraes
Carta a quem não verei	Elisa Lucinda

Fonte: Quadro produzido pelo pesquisador.

Quase todos os textos são dedicados às vítimas da Aids, algumas delas de nome conhecido. Rafael Iotti dedica sua poesia ao artista plástico José Leonilson. Annita Costa Malufe relembra o processo de adoecimento do cenógrafo, arquiteto e artista plástico Flávio Império. Os mortos também são lembrados por suas trajetórias, suas características pessoais e trejeitos. Vida, amor, morte e luto são elementos frequentes nos versos de “Buquê”, de Antonio Cicero, “Inventário de João”, de Lúcia Bittencourt, “Do amor”, de Thiago Ponce de Moraes, “Célio no céu, com toda a sorte de pedras preciosas”, de Angélica Freitas, e “Carta a quem não verei”, de Elisa Lucinda. O recebimento da notícia de morte aparece em “Para um (quase) amigo soropositivo”, de Fabrício Corsaletti. Em contrapartida, em “Já se passaram dez anos”, de Diego Moraes, a Aids não é um elemento central.

A lembrança do preconceito vinculada à sorologia positiva ao HIV se faz presente em “Exangue”, de Guilherme Ramos, e “O riso de Demócrito”, de Mauricio Duarte. Na primeira poesia, a violência relacionada à homofobia tem um peso maior do que o próprio HIV (não era um vírus que o matava (mas...)/Homofobia./Ignorância./Violência./Eram pessoas. De sua convivência). Já na segunda poesia, o preconceito contra a pessoa vivendo com HIV/Aids aparece em forma de exclusão social (os alertas sussurrados à época/rachavam as paredes/das casas geminadas: fique longe/não chegue perto é contagioso). “Poema pra Adelaide”, de Bruno Cattoni, abarca a questão do preconceito contrapondo-a com os temas de prevenção, cura, sobrevivência e qualidade de vida, e da importância da garantia de direitos e da solidariedade.

Mais do que a memória da doença ou de seus doentes, cenários sociais e culturais de décadas passadas são trazidos à tona dos versos de “Pra eles não deu”, de Viviane Mosé, e [vivíamos em tempos de liberdade sexual, paz e amor], de Bayard Tonelli. Nas poesias, as primeiras décadas da epidemia são lembradas enquanto períodos onde a sexualidade era experimentada de maneira mais aberta. A epidemia de Aids é tida como algo que interrompeu esse processo de liberação e destruiu vidas, seja de modo paulatino e doloroso como em Mosé (Depois foi Cristina/A perder corpo/Pouco a pouco/Até tombar de dor/Na madrugada), ou avassalador e terrível como em Tonelli (todos definhando, sofrendo, vegetando até a morte [...] parecia que o apocalipse tinha chegado com suas bestas/a aids era a ceifadora e o centro de nossas vidas). No entanto, ambos os textos atualizam os cenários da epidemia, colocando-a como algo controlado. O controle de mortalidade pode ser observado em Mosé (Pouco depois ninguém mais/Morria./Mas pra eles não deu tempo./Pra eles não deu). Em Tonelli, são destacados os avanços médico-científicos (e a aids começou a ser controlada/mas outros vírus assassinos começavam a aparecer/nessa luta inglória, a humanidade sobrevive e cria anticorpos/e a ciência novas vacinas e remédios). Assim, podemos concluir que, em ambos os casos, as eras “pré” e “pós” coquetel são retratadas poeticamente pelos autores.

Neste aspecto, Sousa (2015b, 2016) observa em algumas produções artísticas da era pós-coquetel a existência o que chama de “narrativas de memória”, onde as tramas recuperam vivências do início da epidemia. Em *Tente entender o que tento dizer*, a memória está presente não apenas nas narrativas que compõem algumas das poesias, mas também na própria estrutura do livro, já que o mesmo dedica espaço exclusivo a essa memória. Apesar da segunda parte, dedicada à memória, ser a menor do livro em termos espaciais, entendemos que a pauta é componente importante na organização da obra.

Retomando Bessa (1997), algumas das poesias da Parte II da antologia, assim como na Parte I, fazem referência ao HIV/Aids de modo velado e metaforizado. Apenas nos textos de Bruno Catoni, Diego Moraes e Bayard Tonelli a Aids é citada nominalmente. Sua presença também é explicitada em “Beto”, de Bruno Molinero e no título “Para um amigo (quase) soropositivo”, de Corsaletti.

Guilherme Ramos, em “Exangue”, coloca as letras “H”, “I” e “V” nos versos iniciais de cada estrofe (Heitor Ignorou Vários; Heitor Intrigou Vários; Heitor Insistiu Vivaz).

Em relação a segunda parte da antologia poética, de modo geral, percebemos que a lembrança das vítimas da Aids se dá de modo individual e coletivo, ora recuperando particularidades dessas pessoas, ora situando a epidemia em um contexto mais amplo. A Aids é retratada de maneira subjetiva ou explícita, e as primeiras décadas de sua epidemia são relembradas como um período sombrio e devastador. A evolução do tratamento representa a possibilidade de vida, apesar dos desastres. O preconceito e a discriminação em decorrência de orientação sexual e status sorológico são temas que habitam também as lembranças. Morte, vida, luto e memória permeiam praticamente todas as poesias deste eixo.

6.5. PARTE III: O CORPO, A VIDA, O COTIDIANO, OU O TEMPO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Por fim, a parte III, igualmente a primeira parte, é composta por 43 textos. São eles:

Quadro 4 - Poesias da Parte III de *Tente entender o que tento dizer*:

(continua)

POESIA	AUTOR/A
O grande medo	Italomori
Clearly non-glossy	Italomori
Quem	Italomori
Pela décima vez	Amara Moira
Cego amor	Armando Freitas Filho
[Amor pelo mesmo suor]	Armando Freitas Filho
O corpo	Mariano Marovatto
Amor contágio	Amora Pêra

Quadro 4 - Poesias da Parte III de *Tente entender o que tento dizer*:

(continuação)

POESIA	AUTOR/A
[Estagnado no trânsito estive em todos os carros ali]	Botika
Positivo	Carolina Turboli
Olhos amarelos	Silvino
“Tente passar pelo que estou passando”	Heyk Pimenta
A língua áspera dos gatos	Henrique Ludgério
[Uma pessoa cava o poço.]	Bobby Baq
[O vírus assola]	Isadora Bellavinha
Nairóbi:	Tatiana Cardoso
[Eu quero um corpo que não sofra]	João Maria Cícero
Qual-vai-ser	Letícia Novaes
Um agora	Bruce de Araujo
90's	Marcelo Reis de Mello
Sexo é pop	Dimitri BR
[mergulharei entre veias]	Pedro Dziedzinski Rocha
Corpo que fode antissoporoso todo lacrado com borracha	Rafael Zacca
Sem capa	João Pedro Innecco
[O amor nos tempos do cólera]	Maria Rezende
Aorta	Alessandro Sbampato
De segunda pra quinta	Bruno Couto
Amanda tem Aids	Caio Carmacho
HIV	Guilherme Zarvos
Para lá dos 70	Guilherme Zarvos
Sorodiscordante	Priscila Andrade Cattoni

Quadro 4 - Poesias da Parte III de *Tente entender o que tento dizer*:

(conclusão)

POESIA	AUTOR/A
Corremos	Maria Caú
Assim como a neve	Carlos Cardoso
[CAMISADEVÊNUSCAMISADEVÊNUS]	Marcelino Freire
HIV	Yasmin Nigri
Perspectiva	Lisley Nogueira
[diante de um corpo diante da sua dança onde]	Luiz Felipe Leprevost
Do corpo	Marcio Junqueira
Corpos de neon	Tainá Rei
101/102	Júlia Studart e Manoel Ricardo de Lima
Acto de fé	Ramon Nunes Mello
Deus tem Aids	Marcos Visnadi
Carta para o HIV	Marcos Visnadi

Fonte: Quadro produzido pelo pesquisador.

Os temas da corporeidade e do tempo são predominantes nas poesias que compõem a terceira parte de *Tente entender o que tento dizer*. O HIV/Aids é vivenciado não apenas pelo que há de mais visível e palpável na carne (os sintomas de adoecimento, o desejo sexual etc), mas também pelo que há de mais subjetivo nele (o preconceito, o estigma, a angústia, o medo, os afetos etc).

Segundo Breton (2012), o corpo é o eixo da relação com o mundo. O ser humano experimenta o mundo pelo corpo. O corpo produz sentidos e insere o ser humano em determinada sociedade e cultura. É ele quem faz a mediação com as ações do cotidiano através dos cinco sentidos. Em suma, entra-se em contato com o mundo pelo corpo.

Em “[eu quero um corpo que não sofra]”, de João Maria Cícero, o corpo está sujeito ao sofrimento, ausência, infecção e rejeição. É no corpo onde também atua a

medicina, os fármacos e as terapias. Há, aqui, o desejo de um corpo potente diante das impotências, limitações e prisões: o desejo de um corpo plenamente livre. Os sentidos de uma vulnerabilidade do corpo diante do HIV também podem ser observados em “[o vírus assola]”, de Isadora Bellavinha.

Neste sentido, “[diante de um corpo diante da sua dança onde]”, de Luiz Felipe Leprevost, o corpo é metaforizado: é máquina onde estão presentes a doença e a saúde, a morte e a vida, suscetível a intervenção médica. As dimensões biológicas do organismo são recuperadas também em “[mergulharei entre veias]”, de Pedro Dzedzinski Rocha. Termos como “veias”, “músculos” e “glóbulos” dão uma perspectiva de interioridade de ação do vírus: ele age não apenas socialmente, mas também nas entranhas do corpo.

O corpo também é espaço de adoecimento, como podemos observar em “Assim como a neve”, de Carlos Cardoso. Aqui, a experiência do adoecimento pela Aids passa pelo corpo em sua dimensão mais biológica (“músculos”, “nervos”, “olhos”, “ossos”, “articulações”). Em “Perspectiva”, de Lisley Nogueira, a doença integra um cenário nebuloso de dúvidas, preconceitos e arrependimentos. Porém, a poesia é finalizada com um discurso positivo sobre a superioridade da vida diante da morte. Já “HIV”, de Guilherme Zarvos, expõe o desejo de vida diante dos medos provocados pela fragilidade da vida, das doenças, dos fluídos.

Mais do que vulnerável e finito, o corpo integra toda a complexidade da vida. As ideias de temporalidade da vida e de perspectiva de futuro estão em “Tente passar pelo que estou passando”, de Heyk Pimenta, e “101/102”, de Júlia Studart e Manoel Ricardo de Lima. Na poesia “Sem capa”, de João Pedro Innecco, há espaço para uma reflexão sobre a vida, a existência e o tempo (a vida não tem manual só tem tique-taques). Em “[uma pessoa cava o poço.]”, de Bobby Baq, e “O corpo”, de Mariano Marovatto, a existência se insere no ciclo da vida.

Em relação ao viver com HIV, tomemos como exemplo “Amor contágio”, de Amora Pêra, e “Olhos amarelos”, de Silvino. Os textos apresentam não só as dificuldades da condição soropositiva, mas também suas possibilidades de superação. Amora Pêra faz uma narrativa sobre a possibilidade de uma vida positiva sem medos (são soro em todo sentido/positivos/e vivos/de pulso e impulso/e vão sem medo). Silvino também reforça essa visão quando afirma “Não há vergonha em

tudo isso que sou”. Apesar disso, aponta as dificuldades da vivência com os efeitos colaterais do tratamento³⁰ e o peso do estigma proporcionado pelo “armário” compulsório. As dificuldades são superadas através do canto.

Sousa (2016) observa nas narrativas pós-coquetel norte-americanas o que chama de *relatos/narrativas de “cronificação”*. A vida diante da terapia antirretroviral é revelada, colocando o HIV como “uma característica dentre tantas da vida”, a partir de uma realidade onde existe acesso facilitado ao tratamento. Tais relatos/narrativas podem não abarcar outras realidades, como a de imigrantes e de países não-desenvolvidos.

A partir desta perspectiva, observamos que alguns textos da Parte III da antologia exprimem uma “cronificação” da vida soropositiva. Observamos essa característica em “Clearly non-glossy”, de Italomori (Preciso comer/Preciso tomar as pílulas./Vou comer./Você não vai comer./Você vai ingerir as pílulas./Com bastante água./Preciso comer./Vou delirar), e em “Para lá dos 70”, de Guilherme Zarvos (O médico manda exames, às vezes os/Faço, às vezes nem envio de volta: ficam no armário [...] Várias pílulas, todas as cores, chego a tomar 17 ou/Mais por dia [...]).

Na poesia “Do corpo”, de Marcio Junqueira, a posologia e as substâncias do antirretroviral conhecido como “3 em 1” são citadas nominalmente (o poema dose-diária-de/tenofovir-disoproxil-fumarate-/lamivudine-efavirenz/comprimidos/300 mg/ 300 mg/ 600 mg/inventar/construir/cultivar/o poema duas-doses-diárias/imunen/50 mg/uso oral). No texto, há uma urgência em aprofundar existências, uma perspectiva de futuro impulsiona a realização de planos.

Marcos Visnadi, em “Carta para o HIV”, evidencia também a cronificação em alguns dos versos (vitaminas e exercício físico/o exame periódico da glicemia/e o CD4 controlado). A morte aqui está presente enquanto algo inevitável, o tempo perpassando a vida e a memória (ficamos cheios/da carga do tempo [...] morrer antes/de todos/os meus amigos/ou pra sempre/no pensamento/positivo). O poeta também faz um paralelo entre a Aids e outras doenças, tal qual Sontag (2007) faz ao analisar as metáforas (a sífilis/descoberta epidêmica/no século quinze/matava rápido como a aids/nos anos oitenta,/se esperar/século trinta/vencerá/as novas

³⁰ O título *Olhos amarelos* faz referência a um efeito colateral que pode ser provocado por algumas medicações antirretrovirais. A icterícia provoca o amarelamento dos olhos e, apesar de passageira, pode ter consequências na auto-estima da pessoa vivendo com HIV.

formas/epidêmicas/me deixarão/datado entre a praga do século), colocando-a em um contexto histórico mais amplo, para além das subjetividades internas.

“Nairóbi”, de Tatiana Nascimento, faz crítica à medicina que está distante das realidades sociais (cientistas e suas pipetas alegam a busca da cura./a ampulheta titânica dos seus congressos, internacionais,/lembra nada da dureza das vidas que invadem, coloniais. na/mídia o continente-mãe ganha medidas más y más). Sobre esse aspecto, Breton (2012) aponta que a medicina e a biologia construíram um conhecimento sobre o corpo que é legítimo, mas que monopolizou o conhecimento sobre o corpo. O conhecimento técnico-científico, “oficial”, por vezes despreza as dimensões pessoal, social e cultural nas percepções de corpo.

Outro aspecto da vida soropositiva presente nas poesias de *Tente entender o que tento dizer* é o da revelação do status sorológico. A descoberta do vírus se apresenta como processo que ocasiona auto-reflexão, angústia e desejo de aceitação, envolto pelo medo de receber e de contar ao outro o diagnóstico positivo. Isto se faz presente em textos como “Positivo”, de Carolina Turboli, “Qual-vai-ser”, de Letícia Novaes, “HIV”, de Yasmin Nigri, e “Um agora”, de Bruce de Araujo (e depois, talvez, quem sabe, enfim/você me diga que sou lindo assim/e eu sorria/e você me beije e diga:/- Pega a camisinha e mete em mim).

O sexo é também encarado como elemento intrínseco à vida, presente no cotidiano e no processo de desenvolvimento humano, como pode ser visto em “Sexo é pop”, de Dimitri BR. O poema “90’s”, de Marcelo Reis de Mello, relembra o sexo e a sexualidade nos anos de 1990 em comparação com a atualidade. Se nos anos 90 o sexo era conhecido “na farmácia” pela compra de preservativos, hoje os “antirretrovirais são os novos hi-fis”. O poeta também faz um paralelo com as interações sociais e o consumo de sexo em ambientes virtuais (XVideos, Facebook, Tinder). Este trabalho em específico exemplifica como a presença narrativa das eras “pré” e “pós” coquetel pode se dar em uma mesma poesia. O poeta olha para o “ontem” em contraponto ao “hoje”, relatando as mudanças no campo da saúde sexual proporcionadas pelos insumos de prevenção.

Em “Cego amor”, de Armando Freitas Filho, o sexo é espaço de risco. O risco da infecção por meio de relação sexual desprotegida aparece também em “Corpos de neon”, de Tainá Rei. O uso do preservativo é algo que limita, mas que também

protege, como em “Corpo que fode antissoporoso todo lacrado com borracha”, de Rafael Zacca, e “[O amor nos tempos do cólera]”, de Maria Rezende. Nesta última poesia, há um forte discurso de prevenção e autocuidado.

Assim como nas Partes I e II do livro, o terceiro eixo também abarca o tema do preconceito e da discriminação, como em “Amanda tem Aids”, de Caio Carmacho, que denuncia a ignorância e o preconceito em relação ao HIV/Aids (em tempos tão trevosos/amar amanda é o que vale/independente do preconceito da moral/e da AIDS).

O poema “De segunda pra quinta”, de Bruno Couto, traz a história de alguém que foi abandonado por causa do HIV. Apesar disso, o narrador adota um discurso de fortalecimento, pois quem se prejudicou com o término do relacionamento foi o outro. O texto também fala sobre o desejo da indetectabilidade. Isso não seria possível se o poema tivesse sido escrito nas décadas de 1980 e 1990 quando os medicamentos ainda não permitiam uma efetiva melhora na qualidade de vida de soropositivos. Couto também traz um relato de “cronificação”, ao expor a relação com o tratamento (Com os remédios do HIV/tive sonhos vívidos de tudo/que não enfrentei na vida:).

O preconceito retratado na antologia não atinge somente corpos soropositivos. Em “Acto de fé”, de Ramon Nunes Mello, é narrado um caso de transfobia contra uma travesti. O HIV é tido como uma especificidade a mais na vida da personagem, e não elemento central nesta poesia. Ela retrata o preconceito e a intolerância vindos de setores conservadores, principalmente no que tange a moral católica. Em “Pela décima vez”, de Amara Moira, há também uma personagem travesti, trabalhadora sexual, que negocia com o cliente, homem casado, o uso do preservativo. Fazendo conexão entre o texto de Mello e “Deus tem Aids”, de Marcos Visnadi, encontramos também referências de cunho religioso, ao ambiente urbano, ao uso da medicação (meus dedos tocam Tua costela sob a fenda/e eu me resigno a tomar os comprimidos) e do preservativo.

Retomando os apontamentos de Alexandre Nunes de Sousa sobre as narrativas pós-coquetel, personagens negros e/ou femininos tem pouco espaço na literatura *mainstream* da AIDS norte-americana, onde predomina personagens homens cisgênero, gays e brancos (SOUSA, 2015b). Os textos de Ramon Nunes

Mello e de Amara Moira cumprem a tarefa de trazer na antologia poética outras narrativas para além de personagens hegemônicos. Observamos essa dinâmica também nos textos “Pena de morte”, de Kesley Rocha Dias (Parte I), sobre viver com HIV em um presídio, e “Carta a quem não verei”, de Elisa Lucinda (Parte II), que aborda a vida de uma mulher heterossexual e soropositiva.

Se atos de violência e de discriminação estão presentes em algumas das poesias como uma espécie de denúncia, há, em outros momentos, uma narrativa que se propõe a desconstruir os estigmas. Esta ideia está em “[Estagnado no trânsito estive em todos os carros ali]”, de Botika (Quem respira o mesmo ar compartilha o mesmo sangue/Nada mais fazemos que carregar o mesmo sangue), e “A língua áspera dos gatos”, de Henrique Ludgério (você ainda não viu que somos todos iguais [...] o medo é a coisa mais comum/e também se transmite). Chamamos aqui de “discurso de igualdade” a ideia de que a vulnerabilidade ao HIV existe em todos os corpos e de que o vírus não deve interferir negativamente nas relações sociais, tal como ocorre nos textos citados. E essa relação perpassa também vínculos afetivo-sexuais, como aparece em “Aorta”, de Alessandro Sbampato (na junção da minha aorta e da tua aorta/o que menos importa/é a sorologia), e “Sorodiscordante”, de Priscila Andrade Cattoni. Em Sbampato e Cattoni, o status sorológico não é empecilho para o amor entre duas pessoas.

Outras observações mais pontuais podem ser feitas no conjunto de textos da terceira parte: a existência de um ambiente urbano (“O Grande Medo” e “Quem”, de Italomori, e “Corremos”, de Maria Caú); e a presença por vezes indireta e não nomeada do HIV/Aids, como Bessa (1997) afirma ocorrer em textos de Caio Fernando Abreu, e como observamos ocorrer na primeira e segunda parte de *Tente entender o que tento dizer*.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A terapia antirretroviral para o HIV/Aids possibilitou que a infecção pelo vírus não fosse mais encarada como sinônimo de morte. Viver por mais tempo e ser acometido por menos doenças passou a ser uma possibilidade na chamada *era pós-coquetel* ou pós-HAART. Outros benefícios do tratamento vieram a ser

vivenciados, como é o caso da *intransmissibilidade do vírus* por soropositivos com boa adesão ao antirretroviral. Tais avanços possibilitaram que as pessoas vivendo com HIV continuassem traçando planos e rumos para suas vidas.

Sob a égide de uma suposta neutralidade, a ciência e a imprensa ajudaram a construir a funesta muralha do estigma em torno da Aids, principalmente nas décadas de 1980 e 1990. Em contraponto a tais discursos, produções de diversas linguagens artísticas deram espaço para que o HIV/Aids fosse tematizado. Tais obras dialogam com o momento histórico de quando foram produzidas. Se na “era pré-coquetel” o tema do HIV/Aids ainda refletia os sentimentos de dúvida, angústia e medo diante de uma doença pouco conhecida, as produções da “era pós-coquetel” têm como ponto principal a continuidade da vida. Ou seja, se antes o *morrer de Aids* dava o tom dessas obras, na contemporaneidade o *viver de HIV* é que se faz presente. É este viver com a sorologia positiva a essência do que é chamado de “narrativa pós-coquetel” e, em específico do campo das letras, de “literatura pós-coquetel”.

Na antologia poética *Tente entender o que tento dizer*, observamos a presença da narrativa pós-coquetel em praticamente toda a obra. A presença do HIV/Aids é muitas vezes dada de forma sutil e subentendida, o que não aponta para um receio ou medo de se tocar no assunto, mas sim de abordá-lo sob uma perspectiva mais subjetiva. Em outras vezes, a questão é citada nominalmente, seja nos versos, seja no próprio título das poesias.

Em relação às três características das “narrativas pós-coquetel”, observamos sua presença em maior ou menor grau em toda a antologia. O tema da epidemia não é pauta central, apesar de existir em alguns textos, principalmente nos que compõem a segunda parte da obra. A epidemia de HIV/Aids nas décadas de 1980 e 1990 é lembrada como algo avassalador, que ceifou muitas vidas e que interrompeu um processo de liberação sexual que vinha acontecendo em diversas sociedades. Na antologia, a epidemia é uma triste lembrança e a vida se faz muito mais presente do que a morte.

Já as “narrativas de memória” estão presentes não só nos discursos das poesias, mas na própria organização do livro, já que sua segunda parte é voltada exclusivamente à memória da epidemia e à seus mortos.

No que diz respeito aos relatos/narrativas de “cronificação”, algumas poesias abordam pautas intrínsecas ao viver soropositivo: a relação e as consequências (positivas e/ou negativas) do tratamento; o medo de revelar o HIV para as outras pessoas e de um possível abandono em decorrência do preconceito; as implicações existenciais que perpassam as percepções de corpo, sexo, vida, morte e tempo; a fragilidade e a finitude da vida diante do controle biomédico por meio dos medicamentos; as tensões entre o autocuidado e as limitações do uso do preservativo; entre outras questões.

Se as produções artísticas norte-americanas da era pós-coquetel partem de um ponto de vista de personagens socialmente privilegiados, a antologia *Tente entender o que tento dizer* busca abarcar, de maneira ainda tímida, outras realidades, como a das pessoas encarceradas, das travestis e das mulheres. Constata-se também que o espaço urbano tem presença frequente nas poesias, que se desenvolvem tendo como pano de fundo ruas, viadutos, carros, prédios e bares.

Importante observar, também, que o tema do preconceito, do estigma e da violência marcam presença nas três partes do livro. Se encararmos as produções artísticas e culturais como processo dialógico entre o artista e a realidade onde ele está inserido, podemos observar que, mesmo com os avanços técnicos e científicos da medicina, a discriminação ainda é uma realidade na vida das pessoas que vivem com HIV/Aids.

Concluimos que as poesias de *Tente entender o que tento dizer* se inserem no contexto das narrativas pós-coquetel. Elas retratam a questão sob um viés menos alarmista e mais consonante com o contexto histórico e social de onde se inserem. O HIV/Aids foi e continuará sendo tema de filmes, livros, instalações artísticas, performances e espetáculos teatrais e de dança. Por isso se faz necessária a continuidade dos estudos sobre a tematização do HIV/Aids em produções artísticas futuras diante de avanços conservadores e fundamentalistas no atual cenário político brasileiro, que podem afetar substancialmente a vida das pessoas que vivem com HIV/Aids e de outros grupos social e culturalmente marginalizados.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALTMAN, Dennis. **Poder e comunidade: respostas organizacionais e culturais à AIDS**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1995.

BASTOS, Francisco Inácio. **Aids na Terceira Década**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

BESSA, Marcelo Secron. **Histórias positivas: a literatura (des)construindo a Aids**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. **Os perigosos: autobiografias & AIDS**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Boletim epidemiológico HIV/Aids 2017**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <<http://www.Aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hivAids-2017>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Manejo da Infecção pelo HIV em Adultos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/es/node/64484>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. **As ciências da AIDS & A AIDS das ciências: discurso médico e a construção da AIDS**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS, UERJ, 1994.

CROCHÍK, José Leon. Preconceito, indivíduo e sociedade. **Temas em psicologia**. Vol. 4, nº 3. Ribeirão Preto, dezembro de 1996. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300004>. Acesso em: 28 abr. 2019.

DANIEL, Herbert. **Aids no Brasil: a falência dos modelos**. In: *Aids, a terceira epidemia: ensaios e tentativas*. São Paulo: Iglu, 1991.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **A terceira epidemia: o exercício da solidariedade**. In: *Aids, a terceira epidemia: ensaios e tentativas*. São Paulo: Iglu, 1991.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

MELO, Danilo Rodrigues; PENNA, João Camillo. Literatura e HIV/Aids: reflexões sobre a era pós-coquetel. **Z Cultural - Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea**. Rio de Janeiro, 1º semestre de 2017, ano XII. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/literatura-e-hivAids-reflexoes-sobre-a-era-pos-coquetel/>. Acesso em: 26 nov. 2018.

MELLO, Ramon Nunes. (org). **Tente entender o que tento dizer: poesia + HIV/Aids**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

OLIVEIRA, Antônio Eduardo de. Corpo e Memória na Obra de Caio Fernando Abreu. In: COSTA, H. *et al* (org.). **Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

PARKER, Richard. **Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **A reinvenção da prevenção no século XXI: o poder do passado para reinventar o futuro**. Boletim ABIA, Rio de Janeiro, nº 61, p. 13-22. Dezembro de

2016, Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids. Disponível em: <http://abiaids.org.br/wp-content/uploads/2016/12/BOLETIM_ABIA_61_SITE.pdf>.

Acesso em: 18 nov. 2018.

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2012.

PERLONGHER, Néstor. **O que é Aids**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SCHEFFER, Mário. **As várias faces do movimento de luta contra a AIDS**. Boletim ABIA, Rio de Janeiro, nº 52, pp. 9-11. Dezembro de 2004, Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids. Disponível em: <<http://abiaids.org.br/boletim-abia-52-dezembro-2004/26417>>. Acesso em: 24 out. 2018.

SOARES, Rosana de Lima. **Imagens veladas: Aids, imprensa e linguagem**. São Paulo: Annablume, 2001.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora/Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUSA, Alexandre Nunes de. **Da epidemia discursiva à era pós-coquetel: Notas sobre a memória da Aids no cinema e na literatura**. II Seminário Internacional em Memória Social, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/B019-ALEXANDRE-NUNES-DE-SOUSA-normalizado.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

_____. Literatura pós-coquetel (parte 1). **Revista Cariri**, Juazeiro do Norte, 6 out. 2015. Disponível em: <<https://caririrevista.com.br/literatura-pos-coquetel-parte-1>>.

Acesso em: 26 nov. 2018.

_____. Literatura pós-coquetel (parte 2). **Revista Cariri**, Juazeiro do Norte, 6 out. 2015. Disponível em: <<https://caririrevista.com.br/literatura-pos-coquetel-parte-2>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

SOUTO, Bernardino Geraldo Alves. **O HIV, seu portador e o tratamento anti-retroviral: implicações existenciais**. São Carlos: EdUFSCar, 2008.

TEODORESCU, Lindinalva Laurindo; TEIXEIRA, Paulo Roberto. **Histórias da Aids no Brasil, v. 1: as respostas governamentais à epidemia de AIDS**. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais, 2015.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4ª ed. rev. atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

9. ANEXO A - Poesias analisadas em *Tente entender o que tento dizer*³¹

SIM (Silviano Santiago)

Não há por que esquecê-la,
 embora sua chegada seja iminente.
 Cata-se a Vida a cada dia.
 Ela é cada dia. É.
 Não me sacrifico.
 Inquieto-me.
 Sorrio como empalideci na
 tarde em que soube de supetão da sua chegada iminente.
 Às vezes, me deito de costas para o teto do quarto.
 Braços estendidos transbordam a largura da cama.
 Abrem o corpo em cruz.
 guardo a iminência.
 Como se ela acontecesse já. Já.

Observo-me, sou eu não sendo eu.
 Tenho sido sem ter
 sido.
 Tento ser sem ter
 sido.
 Não somos todos?
 Tudo saber e nada conhecer.

Em céu de brigadeiro
 o avião do corpo se desgovernou num átimo de segundo.
 Felicidade.
 Pergunto à Vida se ainda faz
 sentido lhe emprestar sentido.
 Responde-me que sim.

DEFESA E ILUSTRAÇÃO (Nelson Ascher)

Para que um texto quase
 doentivamente ilustre
 a sua própria indústria,
 compete, frase a frase,

³¹ As poesias aqui reproduzidas seguem exatamente a ordem proposta pelo organizador da antologia. Também foram mantidas palavras em *itálico* e **negrito** e a disposição dos versos e estrofes. Se encontram neste anexo apenas os textos mais relevantes para a pesquisa.

ao estro que extravase
de fleuma quando, ao ultrapassar
tudo o que o nutra,
demonstra até a náusea

o quanto de rascunho
se arrisca, além de acídia,
no ofício que, importuno,

prevê menos saída
que a síndrome da imunodeficiência
adquirida.

DIAS CONTADOS (Marília Garcia)

“o tempo que temos
se estamos atentos
será sempre exato”,
foi o que ele disse
a ela numa carta
e ela repetiu
em voz alta e foi assim
que ouvi
as palavras dele
na voz dela
ela falava das cartas
que eles tinham trocado
e contou que esta frase
que estava numa carta
dele pra ela
tinha virado
um *lugar comum*
nas citações da obra
dele

então tentei pegar
a frase e ouvir
de novo
e tentei pegar a
frase e ouvir cada
palavra de uma vez

e tentei também
ouvir a voz dela e ouvir
a voz dele as vozes
sobrepostas
dizendo:

“o tempo que temos - se estamos atentos - será sempre exato”

talvez seja numa frase
de um homem
com os dias contados
de alguém com o *timer*
ligado
vou ajustar o cronômetro
você me diz
you que escreve coisas tão tristes
vou ajustar o timer
por quanto tempo você aguentaria
respirar debaixo d'água?
se estivermos atentos
não era bem isso
que você queria dizer?
parece que as linhas
que ainda faltam aqui
serão exatas
mas como fazer para saber?
parece que hoje
de agora em diante
ou será mesmo que o tempo
poderia ser
medido?
o tempo que tenho
começo a medir
você me diz
e pergunta
como eu faria
se

nesse dia
ela falou
duas coisas que me marcaram
a segunda

sobre o tempo que ele não teve
e a primeira
sobre o *timing* das coisas
sobre ir desdobrando
a experiência
e chegar ao fim.

VIDA VERSÃO DOIS (Paulo Scott)

o colibri traz dentro de si
uma caixa onde guarda
e carrega um mamífero
de impulso não revelado

o colibri também guarda
dentro de si um observatório
astronômico com o qual
enxerga onde é mais longe

e segura de estrela dentro si

olhando assim de fora
enquanto dorme voando
o colibri em sua desarrumação
é ilha que não descansa é farol

igual filme em sala de Botafogo

ilha que não aparece nos mapas
por isso o colibri é essa beleza
sopro que não fixa - essa aquarela
de afetos e afagos aquarelas

espalhado nas folhas e árvores
coringa sem território pingando
(nos que o supõem poeira)
seu atabaque cardial
sua pequena explosão

o colibri bate seu móbile
sua vitória com asas
que desaparecem

e como nenhum outro ser

(apesar do tamanho)

e sopro

sem território

consegue ter

(Luana Carvalho)

para abrir um poema é preciso ter as mãos livres
fugir aos nomes à onda ao caos dos puros
é preciso nenhuma história só o abismo
ter tudo por fora de deus
em torno do trono
coberto no manto
suado de febre

para abrir um poema é preciso um vírus
penetrar a célula da palavra ao rés do verso
é preciso nenhum sintoma só vontade
ter tudo por cima da onda
dentro do núcleo
fixado nos genes
vestido de eterno

para abrir um poema é preciso lambar a língua
tragar o sangue a saliva a onda dos sulcos
é preciso nenhum fastio só a festa
ter tudo por dentro da carne
abaixo do chão
deitado no barro
defesso de ferro

para abrir um poema é preciso opar a veia
injetar a paisagem mais viva do mundo
é preciso nunca esquecer as praias
ter tudo através da onda
no meio da náusea
voltado pra vida

dormido de areia

para abrir um poema é preciso muita mãe
abraçar a criança mais xucra do mundo
é preciso nunca esquecer as mortes
ser onda apesar de tudo
acima do orgulho
ungido de amor
liberto da cisma

para abrir um poema é preciso não dormir
ter a noite o dia o tempo à foda
é preciso dar fome à onda
ser gozo apesar do tédio
pra dentro da boca
despido de glória
pungente do coito

para abrir um poema não é preciso diérese
nenhum bisturi sedativo outra onda
pinça tesoura tese afastador
não é preciso preensão
nenhuma válvula ou hemostasia
para abrir este poema, não

para abrir um poema é preciso
não ter medo do poema

é preciso só querer
a onda

para abrir um coração
um cu
um prepúcio
uma buceta
uma célula
é preciso um poema

OS HIMALAIAS (Eduardo Sterzi)

Os himalaiares crescem vinte milímetros por ano
porque a Índia continua a se chocar com a Ásia central

(Leonardo Chioda)

toda a palavra basta:
eu quero luz a um país vendado

luz, por favor, que me ergo estrelado aos meus
ainda que no seio das brenhas
assim pelo breu do sangue
eu só veja os passos lentos
os poços largos de tanta lágrima

luz - até que fiquei legível
cada emblema do coração na boca
e a primeira gritando plena ao peito
por todo o vício floreado da minha alma

então veja bem: eu não sou o que não se entende
eu sou o que o amor faz de mim

luz aqui, por favor, mais luz
para que eu brilhe
como brilha todo precipício

que perto do escuro [lendo as crianças]
basta o meio raio: eu quero a luz
de um país vendido

e se abro toda a palavra nas veias
em pé fecho o pulso
firme e tão certo - o punho reto como a queda

eu estou com quem bem entende o amor
porque só no amor
e assim
é que se pode ouvir mais uma voz
só agora [e nunca só]
é que se pode haver alguma nova luz

**SOBRE COMPARTILHAR [ou gatos, cigarros e dançar ao som de vinis com
agulha arranhada] (Ana Paula Simonaci)**

a linguagem
não apenas marca o guardanapo
ou o som ou o silêncio
é a vida, um vírus, um contágio
que se desenrola no devir dos dias
para traduzir o invisível
em trocas

um girassol na toneleiros
te dei um dia
uma noite no leme
te roubei um beijo
e uma flor bonita
na árvore da rua Clarice Índio do Brasil

os anos são regados pelo som
do que diz o homem que vende flores
você lembra?

há cumplicidade
debaixo do sol

[um relógio de fogo
que escreve revoltas e reviravoltas
e volta sempre ao mesmo lugar]

quando rodopiamos
com mãos estendidas para dar e receber
a luz que circula em todo corpo
que dança
para fazer
a vida
de outro
acontecer
mais bonita

AGÁ E VÊ (Flávia Muniz Cirilo)

óculos
luneta
telescópio
olho mesmo da pessoa
arregalado
grande de tão grande
por descobrir-se positiva
por enxergar a própria vida
com dimensões da alma
com a calma que advém do tempo
porque o tempo nos revela a face
o mesmo rosto que expressou espanto

mas do próprio canto pôs-se a remendar-se
alinhavou o medo da morte
com aquilo mesmo que viera fazer na Terra
adornou de vermelho sangue
as cantigas
os poemas
as raízes
os amores
e seus mares
e caminhou feito todo ser humano que nasce um dia
mas pôde ver nitidamente
a cabra-cega do mundo
os tapa-olhos dos homens
esquecidos dos pés na terra
atônitos nessa grande morada
casa de todos nós
amparo materno
motivo único
da imensidão preciosa:
a vida

PINTORES E ESPERANÇA (Sylvio Fraga)

Hobemma, iluminada velatura,
halos inumados, veja:
havia insípidos verões,
hoje insônias verdejantes.

Há Ingres, vedado
 hímeme intransigente, virtude
 homérica ilhada, Vênus.
 Haja intolerância voluptuosa.

Herda-se inevitavelmente Velázquez.
 Homem insólito, valente,
 horrorizava ingênuos, vertia
 hermetismo introduzindo verdade.

CORDEL POSITIVO (Leonardo Marona)

a pele que suga a espora
 na espera do que sem demora
 se torna senhora da morte
 e dorme na hora da mola
 namora o surto do sangue
 no mangue da soma transversa
 no verso de um mar de amanhã
 são rãs em alta voltagem
 à margem da corda do amor
 no musgo do encontro profano
 na sorte do abraço sem pena
 na luta, coquetel de beleza,
 certeza a mesma que tudo
 que é mudo precisa ser forte
 no choque da busca parada
 a saga da vida sem hora

ANTICAMONIANA (Fernando Impagliazzo)

Cantar a essa gente rude que vive
 contaminada por algum vírus,
 bactéria, bacilo, bicho geográfico.

Inundada por corrupção
 condiloma, cochicho, muxoxo
 por falta de dinheiro
 e amor.

Cantar, que amar se contamina

amando, estamos todos contaminados:
seu sexo, minha boca, seu braço,
o abraço, o beijo, a fala direta.

Há alguma sinceridade ainda, eu sei,
são nossas contaminações diárias.
Incrível estar contaminado no canto
nafragado, sem poder contaminar.

A BIOLOGIA DIZ (Maria Isabel Iorio)

os vírus são discretos
eles não transam
assim de repente de qualquer
jeito não eles só se reproduzem
em silêncio
entre as membranas
de uma célula
nossa

se valendo de que somos
isso um rosto exposto
ao sol e ao sangue
aos órgãos deliciosos
fora do algodão

isso um corpo todo exposto à queda, ao caldo
ao leite e a todos os instrumentos
que furam ou cortam
somos isso que
nunca está totalmente limpo
capaz ou imune

também nunca entendemos muito do laudo
geralmente apontam que ainda estamos vivos
que rogério não morreu porque era tímido

PONTO DE CORTE (Bruna Miltrano)

nunca contei cd4
nem fiz pep prep

trava língua que
eu devia conhecer
quando

é difícil falar
respira

a coral escapa
da cinta do caboclo

e escala o corpo
e entra pela boca

a demônia é a febre
mas é menos febre
que a hora e o dente

no lugar incerto (
diz-se indeterminado)

respira

na *zona cinza*
acima do cut-off
é difícil às vezes é
impossível

respirar
fala

existe uma janela.

CONTROLE DE MORTE (João Gomes)

Serão prescritas
dezenas de picadas
à base de penicilina
como paliativo
a um fim, pois vivo
sem dura briga
às manchas fátuas.

Somem numa paz
ilusória e recomeço
de mutilado cansaço,
aguarde por sintomas
análogos em teoria
batida pelo vício
de ter nua a fala.

RIMA DISCORDANTE (Kako Arancibia)

dizem que plantou-se em mim uma invasão
no núcleo macio do meu circo
fui *hostess* de um gentil adversário
um match-lembrete sobre não perdurar
num ato desprotegido
agonias acrobatas giraram no ar
por baixo: imaginadas covas

cheio de vontade
me vi morte
mas o que se fez em mim
na real era ocupação
essa sim, repleta de natureza

que morrer também é lei de vida
e de repente em mim
detectei a possibilidade de uma sorte
uma felicidade febril
um tremor de terra
uma firme instabilidade
ao entender que não sou território de uma guerra

sem batalhas, sem exércitos, sem inimigo
me curo de medos, bombas e fantasmas
posso dançar na trincheira, na rua, na cama
posso até fazer poesia
com uma rima discordante
e, latejando juntos,
vamos brilhar saúde bem diante dos seus olhos

DIACRONIA POÉTICA iv (Felipe da Fonseca)

João amou Teresa que
 amou Raimundo
 que amou Maria que
 amou Joaquim
 que tinha sido amante de Lili que tinha SIDA

ESCREVO COM TODAS AS LETRAS (Chacal)

eu quero o amor
 livre pro que der e vier

eu quero você fora
 do armário da caixinha do quadrado

eu sou do grupo de risco
 só me interessa o que vem do outro

toco com todas as teclas
 pinto com todas as cores

não quero mais do mesmo
 eu quero mesmo o outro

CONTAMINAÇÃO (Mariel Reis)

Flamboyant abraçado
 Às raízes do corpo.
 Estreita faixa carmim:
 Florescem setas,
 Copa da pele.

OUTRO VOCÊ (Domingos Guimaraens)

De manhã o telefone toca
 Te acorda o rosto amassado
 Uma noite boa
 Mesmo sem dormir
 Alguém ao lado

- Alô (baixinho)

- É do laboratório.
Você fez um exame
HIV
Um resultado
Inconclusivo

Um frio
Um medo
Quem do outro lado fala
Som de voz mecânica
Que agora sua vida
No fio fino de uma agulha
Se separa

Reagente
Não reagente
Alguém ao seu lado reage
Acorda

- Quem era a essa hora?
Tudo bem?
- Vai melhorar.

Na cozinha um café
Lá fora o sol alheio a tudo
Na cabeça tantas vezes
Constantes negligências
Quanto ao sexo
Seguro
Como na noite passada
Com alguém
Que agora por trás te abraça
Foram mulheres
Fora homens
Uma comunidade inteira

Na cabeça o desenho
De uma corrente de contatos

De contágios
|
Que

Frita o bacon
Em baforadas

- Você não vai parar de fumar? Isso mata.
- Cada um incensa Deus como pode.

Dá de ombros na contra luz
Da fumaça
Do cigarro
Da fritura
Da manhã

Tudo é sempre a responsabilidade
Que você tem com tudo isso
Pensa
Olhando o bacon
O cigarro
A roupa
A carteira o plano de saúde

- Onde você vai?!
- Quero uma fruta, um suco verde, algo saúde.
- Quer alguma coisa da rua?
- Marlboro Light. Acabou. No varejo. Tenho mais em casa.

Na rua o sol acende seus olhos
Mas você não vê melhor
Seu sangue corre forte
Devia ter dito
Um teste
HIV
Positivo
Falso positivo
Inconclusivo
Quem sabe?

- Telefonema ruim?
- Não, não foi nada.

Seu cérebro frita
Como bacon na manteiga
Volta e conta?

Este deixou os despojos alhures
e penetra por inteiro
seu próprio inframundo

É diligente, é especialista
obedece cegamente à estirpe
operário como outro qualquer alguém
num chão de fábrica
- alastra-se
apenas

O homem e a mulher sabem
que pelo resto da vida
irão escondê-lo e abrigá-lo

Não como quem oculta cadáveres ou remorsos mas sim
como quem encobre algo vivo
morno e instável
- judeus, bósnios, tutsis ou armênios
olhos silentes no escuro
marcas de nascença
chagas, volúpias

“Foi em legítima defesa”, diriam aos generais
“Foi um acidente”, explicariam aos mais íntimos
caso fossem descobertos

Ao olhar de asco e repreensão
responderiam
com um baixar de pálpebras
ou um sorriso infame. Tanto faz

Haverá sempre vigilância
a espreitar pelas gelosias
o alarme do relógio
a lembrar os remédios

E mesmo que, nesta noite,
as mãos dela
não alcancem as omoplatas dele

permanecerão irmanados
 cúmplices, sozinhos
 o corpo a entremear morte e vida
 exatamente
 como o de todos os demais 7,5 bilhões

ANOTAÇÃO SOBRE UM RIO QUE CORRE À REVELIA DE TUDO (Micheline Verunschik)

Há um rio
 imenso
 incomensurável rio
 que corre
 de mim para você
 de você para o outro
 do outro para o outro do outro
 até que deságue
 de novo esse rio
 no mar de mim mesmo

nem a confusão dos homens
 nem o turbilhão da aids
 nem a marcha insana da ignorância
 nem o ruflar das asas do tempo
 impedem esse rio de correr
 rio imenso
 incomensurável rio
 de mim para você, amor.

SÍNDROME DA HUMANA DEFICIÊNCIA ADQUIRIDA (Paulo Sabino)

O que precisa ser combatido:
 A mancha feia da ignorância
 Tingindo a palavra intolerância:
 Não existe nada pior em ação
 - A grande síndrome da deficiência adquirida
 É a desinformação -

O que precisa ser banido:
 O efeito gerado e causado
 Pelo preconceito

Que existe e insiste
Em mostrar a cara dura
Contra o amor:
A verdadeira cura
Para todo e qualquer mal-estar
- A grande síndrome da deficiência adquirida
É o ódio doado na sala de estar -

O QUE MATA (Gabriel Mação)

Me corta por dentro
Como estilhaços de vidro transparente
Do prato quebrado
Ontem no jantar
O medo deles
E a sua ausência
O buraco deixado
Em minha carne ainda
Cicatrizada
Mas o que dói é sentir-se
Como uma bomba
Ali, no meio do círculo
Vazio
Deixado por todos

Nas ruas
 Nos prédios

E ainda em mim
Corre o meu sangue
 Positivo
 Humano

Eu
Vivo
E sinto o cheiro das tardes
Se findando
E recomeçando
Todos os dias
Continuo...

O que mata não está em mim,
Vem de corações doentes

De quem não se livrou
Dos medos de estimação
E ainda coleciona
Preconceitos nas gavetas
E cabides
Do armário

O que mata
Não é meu sangue,
É ainda não terem queimado
As roupas velhas
Rasgadas, manchadas
E ultrapassadas

O que mata
É a falta de amor.

PESO DO VÍRUS (Ricardo Dalai)

mais grave que o do sangue
é o vírus da alma
que não importa o tempo
não haverá cura
nem vacina nem prevenção
é vírus móvel
que não caminha
mas voa
pelo ar
pelo olhar
no evitar
mata aos poucos
definha como corpo preso ainda vivo pela corda no pescoço

sua morte vem lenta
quase parando
mata aos poucos
quase parando

a travesti espancada morreu dessa morte
o menino que rebolava morreu dessa morte

essa doença não tem sintoma

essa doença não tem remédio
vendido na drogaria com promoção de viagra
é invisível, embora a vejamos
é muda, embora ouçamos ainda os gritos dos meninos nos
corredores
pega! pega ele!

o menino evangélico morreu dessa morte
quando pulou direto pro asfalto quente
que tocou seu rosto como um murro como
lâmpada como cuspidada corre pega ele!

mais dolorido que o do sangue
é o vírus da alma
não surgiu esses dias
e pode nunca desaparecer
ninguém assume que existe
essa morte pior que o fim

o corpo não leva as dores
o sangue não tem hematoma
ninguém olha torto pro ví-
rus ao contrário: o temem

o corpo é vazio
o sangue evapora
a alma, não: ela pesa
e não existe caixão
que possa levar essa dor embora

VÍRUS/VERSO (Renato Rezende)

Eles não sabem que eu carrego o vírus
como um sorriso ou um revólver.
Eles não sabem que esse sorriso me carrega.
Eles não sabem que isso
foi a melhor coisa que já me aconteceu.
Quando a vida termina, ela enfim pode começar.
Eles não sabem que estão mortos, mas eu
estou vivo.
A vida se pega por contágio,
mas é um tipo muito raro de vírus.

PIEGAZMENTE PIEGAZ (Rodrigo de Souza Leão)

eu queria ter a coragem do estudante chinês
 que enfrentou o tanque
 eu queria ser o índio
 contra o ianque
 ser a luz contra a escuridão
 eu queria ver o touro
 chifrar o toureiro
 eu não queria ser o banheiro
 o banheiro da estação é imundo
 imundo como a moral de alguns
 quando toda saída devia ser mágica
 eu quero pôr pedra e pedra na minha
 construção, construção
 eu queria ser o filha da
 mãe de maio
 e voltar pra casa com meus amigos
 eu queria ser a cura pra aids
 - a solução pros meus problemas
 ser isto seria tanta coisa
 que eu não seria deus
 pois todos e tudo que falo
 tiveram a coragem que não tenho
 pra enfrentar a parede
 pra derrubar
 ou pôr flores no túmulo da bondade

ELEGIAS AO NADA (Rodrigo de Sousa Leão)

10
 não há nada que o sol não revele
 principalmente hoje
 quando a neve fecunda o óvulo negro
 do asfalto
 e dessa combinação
 surge o óbvio
 larva não é carvão
 pinga não é chope
 chinelo é pra quem dissolve a prata
 cuspendo luas

aquosas
no café
combustível
querosene

11
e fustigado
punido
no canto
de uma jaula
com a missão
de se eternizar
num grito
eis o poeta
que ruge
com todos
os pelos
do corpo
arrepiados
eis o poeta
domesticado
pelo
pânico

12
então masco um colibri
só para ter seu voo
só para aprender a voar
mas deus impede o poeta
de tentar voos cegos
e se soltar dos cimos verdes
deus impede de ser morcego
sendo o poeta um vampiro
pelo menos é o meu deus
o que beija a minha jugular
o que me matou de aids

**OS TRABALHOS DA LINGUAGEM: um ensaio para os doze trabalhos da morte
(Vinicius Varela)**

Tua rosa apoteótica
traz guardada a contravenção dos adeuses.

*Eu sou aquela que plantou
 a árvore das mãos que dizem adeus.*
 Os sintomas do teu nome
 me transcrevem o presente da lonjura.
*Esse fruto tardio não se come
 que cada mão dizendo adeus é uma fome.*
 Cada mão dizendo adeus é um nome
 que aprendeu a se calar em outra língua.
 Onde a glória dos nomes se despede
 as mãos anulam as cosmogonias.
 Esta existência é uma pequena distância
 entre dois símbolos gráficos.
*A abertura das asas do tempo
 e a tentação do silêncio.*
 Viver é verbo de dois tempos
 estou ali entre o repouso das vírgulas
 e a alforria das sílabas do tempo.

PENA DE MORTE (Kesley Rocha Dias)

Detento com HIV diagnosticado
 puxa cadeia dobrado.
 Enquanto a imunodeficiência humana
 ataca o imunológico sistema
 o vírus *Descasus Cronicús do Estado*
 ataca a enfermaria da hashtag
 ergue sorriso, assiste atroz espetáculo.

Sobreviver até o alvará cantar é sorte
 HIV na tranca é pena de morte.

Mas esse plano de execução velada
 acaba quando uma rebelião literária
 estourar nos pátios d'Alcatraz.
 Vai ser um marco
 ler Plínio Marcos
 ver suas ideias serrarem as grades da cela
 presidiários caírem pro asfalto
 na febre, espalhando roxa
pelo sangue, pela porra e pela merda.

DIAMANTE DINAMITE (Pedro Rocha)

No Sérgio Franco
a moça muito dócil
me dirige a pergunta
com luvas e ferramentas nas mãos:

- Oi, sou Sônia, tá tudo bem com você?

Já antes de falar começo o choro.

- Eu não vou olhar,
não é por nada
não é dor ou medo.
É o encantamento com
a força de jorro de vida
vermelho que preenche
tão veloz o tubo,
esse na sua.

Aprende-se muito
assistindo a desenhos
animados.

Um homem com uma camisa de gola
bolsos vários
branca

toda
botões grandes no meio
indo até abaixo do joelho

dirige a fala técnica
ao futuro pai que
faz com ele o
pré-natal:

- Mas por que você quer fazer esse exame?
Isso é para quem gosta de dar o cu.

Aprende-se muito
assistindo desenhos
animados.

Dois desconhecidos
se beijam com deliciosa volúpia
na mesa de plástico que carrega
a estampa de uma cerveja que já
não se bebe em cima desse agora.
Num determinado momento
a moça morde a boca do outro
que empurra derrubando
a madrugada pela calçada
portuguesa de botafogo

- Eu sou aidético, você não me conhece.
Posso começar a te matar dessa maneira.

Aprende-se muito
assistindo a desenhos
animados.

A noite se estende por dentro
dos que a iluminam com toda
sua última chama que aflora
nos olhos. Os que estão mais
aqui podem outra

- Você não acha que devemos
usar alguma coisa?
- Eu sei nos seus olhos
que não.
- Sabe nos meus olhos?
- Camisinha é pior que aids.

Aprende-se muito
assistindo a desenhos
animados.

Do ônibus saltamos no gordon
do leblon antigo canguru
hoje beija-flor de Cazuzá já sem
música.

- Eu sou positivo há muitos anos.

Um leão por dia.
A cada um, tudo tem que ser enorme.
(os gânglios me disseram)

Aprende-se muito
assistindo a desenhos
animados.

Meu amigo antónio não tomava
El mate na cuia coletiva
porque os amigos dele
tinham medo que o hiv
pudesse ser transmitido
no calor do útero da água
quente que a gente usa no ato.

- Pero António, ...?
- Sí, és la única manera de tenerlos.
(Detenerlos)

Aprende-se muito
assistindo a desenhos
animados.

Certa madrugada
encontrei o poeta
na livraria já falecida
que tinha uma entrada
para cada rua que a rodeava

- Oi, vem aqui que eu preciso te dizer que peguei Aids
Acha que vou morrer em menos de um ano?
- Meu amor!

A vida
enchendo o tubo de vermelho
num jato franco
força do corpo
choro de vulcão

DETALHE (Regina Azevedo)

o sangue
é um detalhe

feito

gostar ou não
de aspargos

a disposição
do arroz e feijão

ou a quantidade de pelos
que nasceu
no queixo da minha avó
em sua última semana

todo sangue é uma explosão
ensimesmada

é composição
quimera
linha e tecido

o sangue
é só um detalhe

feito um pingo de chuva
pra quem souber
cantar

QUARTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO (Marcos Fábio de Faria)

Era um monstro e mais nada que isso. A sugar algumas almas que disseram perdidas, disseminando uma espécie de discórdia entre os entes queridos, cortavam os peitos que, ensanguentados, disponibilizavam um delicioso clamor, vitimado. Uma carne que se corta em pedacinhos e o corpo em naco, das unhas, cada uma delas, gangrenadas, caía aos passos dados. Esse monstro se mostrando a cada escarnificação em seu hospedeiro. Os sexos, impossibilitados de prazeres, escorriam um pulsar do encontro entre a morte e a importação do gozo derretido em uma ligeira dor costumeira, que doeu tão profundamente que sua ausência é

impossível. A peste em formato de monstro aparecia na crua carne, e os afagos de antes dissolveram junto desse corpo a se decompor. Cada alma perdida é um monstro engolido, e cada expressão que foi feita naquele rosto se apagou para o descanso final do moribundo que permanece. No peito a tatuagem que transfigura, feita a contragosto. Cada carne podre é só mais uma no meio de outras e outras. Morrer não é fácil. Pergunta-se, como vai? Sidamo-nos, eu e meu corpo, muito mal a outros olhos.

A MÚSICA DO SÁBADO (Luís Capucho)

Poucos fazem como faço
 Que estou sempre na beirinha
 Daqui pra lá não existe mais fundo
 Daqui pra lá não existe meu mundo
 Daqui pra lá é o fim
 É a maluquice
 Eu ando com mamãe na lua cheia, na noite vazia
 Uma jovem bicha triste

Mendiga um trocado pra comer biscoito
 Penso um pouco
 Olhando para o mar, olho para o vazio, olho para mim
 Olho pro rapaz sentado esperando

Olho para o fim

Daqui pra lá não existe mais fundo
 Daqui pra lá não existe meu mundo
 Daqui pra lá é o fim
 Vejo calças arriadas no banheiro do Rex
 Há pessoas que não ligam para o que dizem
 Outras são paranoicas e vigiam o mundo
 Quer dizer, a vida fica insuportável

Mesmo assim ninguém quer morrer, eu acho
 Um homem aprecia de longe um cachorro de porte soberano
 Caminho mais um pouco na beirada onde estou
 Tomo os remédios e continuo
 Da beirada vejo o céu aberto
 Passo entre homens inchados e sujos

Sentados no jardim

Ando até minha casa
A música do sábado à noite

Me derrete sozinho na cama

Daqui pra lá não existe mais fundo
Daqui pra lá não existe meu mundo
Daqui pra lá é o fim

CANÇÃO SILENCIOSA (João G. Junior)

toque nunca foi peste
nem pode restringir
acesso

penetração determinado
se rápido
ou curto
o vírus

em caso de incêndio
palavras conquistam
direito ao corpo

o vírus
canção silenciosa
ouvida por quem
se permite

(Letícia Brito)

Tente entender:

Eu tenho 9 amigos que fumam
Eu tenho 12 amigos que bebem coca-cola
Eu tenho 3 amigos que cheiram coca ou cola
Eu tenho 333 amigos LGBTQ+
Eu tenho 5 amigos com diabetes
Eu tenho 4 amigos do candomblé
Eu tenho 2 amigos veganos
Eu tenho 6 amigos que usam ayahuasca
Eu tenho 24 amigos que fumam maconha

Eu tenho 18 amigos machistas
Eu tenho 4 amigos vivendo com HIV
Eu tenho 9 amigos que fazem performances nus
Eu tenho 15 amigos que jogam basquete
Eu tenho 8 amigos budistas
Eu tenho 43 amigos poetas
Eu tenho 12 amigos que pensam em suicídio
Eu tenho 89 amigos comunistas

Alguns amigos reúnem mais do que uma das qualidades descritas

Eu abraço todos os meus amigos
Eu amo todos eles
<3

P.S: Nenhum desses amigos gosta do Bolsonaro

BUQUÊ (Antonio Cicero)

Ô Sérgio, Sérgio, somos ainda
crianças. Nossas almas são novas.
Não chegamos a adquirir antigas
ciências. Dizem o que destroça
de tempos em tempos nossas crenças
são catástrofes, que nos impedem
de amadurecer. Mas quem se lembra
mesmo ou se importa se, ao que parece,
o que nasceu merece morrer?
Desprezar a morte, amar o doce,
o justo, o belo e o saber: esse é
o buquê. Ontem nasceu o mundo.
Amanhã talvez pereça. Hoje
viva o esquecimento e morra o luto.

CÉLIO NO CÉU, COM TODA A SORTE DE PEDRAS PRECIOSAS (Angélica Freitas)

você levou
um policial militar
para a tua casa,
e a farda,
jogada de qualquer jeito

sobre o abajur,
queimou em círculos.
por que me lembro disso
quase trinta anos depois?
porque é engraçado.
a gente ria o tempo todo.
e aquela história
de passar no banheiro
da praça -
um dia eu fui e vi, afinal,
a tua cara de felicidade
ao entrar no recinto -
muito alerta -
você era uma antena -
um olho na interlocutora,
outro no transeunte.
era uma cidade
com tão poucas possibilidades
que toda essa atividade
me parecia fascinante.
aventuras
numa época
em que o município
significava
o fim do mundo:
só as tuas.
você ficou,
eu fui embora.
de você, não soube mais nada,
até que me contaram.
quando volto
e passo na frente da tua casa,
um apartamento térreo,
de esquina,
perto do centro,
me pergunto se naquela época
você já sabia,
mas a pergunta é ociosa.
e me lembro
do brilho nos teus olhos.

UM POEMA A LEONILSON (Rafael Iotti)

ouço a tua voz como quem ouve
uma confissão anônima, não estou
pronto para te perder, porque você carrega
pela linha da noite um canto de sereia
que é ávido de consolação
Kafka, nosso amigo, aquele que morava
ali na esquina, junto ao seu Altair, disse
que o verdadeiro encanto das sereias não
era o canto e sim o silêncio

às vezes fico a imaginar os teus bocejos
hoje em dia pelo asfalto da rua Augusta
do que se tornou a rua Augusta
penso se ainda sabe jogar xadrez ou se
ainda tira bem-me-quer nas pétalas de
girassol.

um gemido meu às doze horas da noite
no Brasil, cola o teu rosto ao meu
e não por lágrimas, não
mas por aquela tua profecia estranha
que cria uma cicatriz em qualquer um
que chega muito perto de ti

(Annita Costa Malufe)

em memória de Flávio Império

não queria falar da morte mas ele
se foi há muitos anos e seu
rosto aparece modulado por
aquela tarde em que a minha mãe
me falou o Flávio diz que não fica na
cama não veste a roupa de doente eu
achei que ele estivesse com gripe
eu mesma tive gripe em seguida e me
lembrei disso tomei banho frio me troquei
desde então nunca mais vesti a roupa
de doente minha mãe dizia que ela
também não que

ela subia no salto alto e passava
batom usava o secador de
cabelos eu só faço isso se vou para
algum lugar importante odeio
secador ou então quando estou com
gripe justamente para sentir que vou
a um lugar importante e me arrumo
subo nos tamancos e me lembro das
folhagens tingidas no tecido o panô pendurado
no quarto da minha mãe ou o quadro
do menino com o mundo que hoje
está na minha casa ou o quadro na mão
gigante com fundo magenta as folhas voando
ao redor em negativo branco e verde e as
bananeiras uma coleção de visões
uma família de amigos hoje não sei onde
estão muitos se foram como ele anos 80
cortinas de contas coloridas sinto-me muito
velha e um pouco
triste ela dizia meus amigos estão indo
embora aos poucos mas não me contam sei
que não me contam querem me poupar ele
tinha os cabelos crespos e me pegava
no colo morava numa casa que
ficava longe e tinha um quintal tinha
plantas e um cheiro de terra de casa
com quintal um tom de cor de luz
que meu corpo recupera que ficou
impregnado no meu corpo e às vezes
tento com as palavras pegar são visões
para além do corpo meu corpo dos anos
80 cores tropicais certo psicodelismo
capas de disco cenografia física
eu nas coxias esperando a hora de
voltar para casa a mesa cheia de gente
e a noite esvaindo lenta pela rua sou
uma mulher dos anos 80 cheia de
visões de asfalto de viadutos e luzes
estroboscópicas girando na cabeça

POEMA PARA ADELAIDE (Bruno Cattoni)

Se vou aqui falar de HIV
não é para exaltar a camisinha,
ou discutir comportamento.
Nem para medir o tempo,
ou dar espaço ao desabafo.
Se vou falar de HIV
não é para fincar um espantalho
na sementeira do amor,
nem para colher acaso
enquanto se espera o destino.
Se for falar de prevenção e cura,
de sobrevivida e qualidade dela,
é tanta coisa que posso esquecer
de cantar e de falar de amor
do qual sou um portador positivo
imunizado contra a indiferença.
Deve partir não só deste nicho
a luta pela vida, com saúde pra todos.
Que não violem os direitos,
não proíbam as diferenças,
remediem as desigualdades.
Que não violentem crianças.
Que não maltratam os velhos.
Que não surtem as mulheres.
Não expurguem, não expulsem,
não excluam, não esmaguem,
mas acolham as escolhas
e afaguem as folhas que caem.
Pode partir de todos os ninhos,
e voltar para eles livremente,
quem conduz a liberdade.
Se vou falar de HIV
que haja palavras que escutam
para cada um que sofre
o pesadelo do abandono.
Não me ouçam falar de um vírus
quando quero dizer pra vocês
que sobrevivi à vida
em meio a um turbilhão de amores.
Se é símbolo? Sim - Eco e Narciso.

Fim e recomeço - Eros e Tânatos.
 Sem motivação para a caridade cristã,
 metáfora do não do mundo,
 ou despedida sem aviso prévio.
 (longevo é quem vê o amanhã)...
 Importa não fazer escândalo
 porque todos estamos sujeitos à dor,
 sujeitos à liberdade, cedo ou tarde,
 suspeitos de desejar e de conceder.
 Enorme é a vontade do encontro.
 Lá no fundo é para o outro que vivo
 embora vocês me vejam contente
 só por seguir no meu caminho.
 Nem mais de HIV estou falando,
 de seus estigmas mesquinhos,
 ou do que a gente sente com aids...
 Só queria dizer que te amo, Adelaide!

JÁ SE PASSARAM DEZ ANOS (Diego Moraes)

Acabou a bateria do relógio que você me presenteou no natal que seu tio ficou bêbado de vinho dom bosco e disse na frente dos filhos e da esposa que era gay e viveria com uma travesti búlgara em Londres.

Já se passaram dez anos

Os poemas que escrevi quando gozava nos teus peitos de atriz da nouvelle vague incorporada de pombagira amarelaram como sífilis na fruteira.

Já se passaram dez anos

A dona Gerusa que te vendia maconha morreu de AIDS na penitenciária e o cachorro sem nome que adotamos morreu atropelado por um táxi.

Já se passaram dez anos

Hebe morreu. Michael Jackson morreu. Roberto Piva morreu. James Gandolfini morreu. Manoel de Barros morreu.

Já se passaram dez anos

Mas o cheiro da sua boca ainda está impregnado no quarto, no guarda-roupa, na cozinha, na varanda, nas estrelas.

PARA UM (QUASE) AMIGO SOROPOSITIVO (Fabrício Corsaletti)

não tenho o direito de escrever o seu nome
 neste poema escrito às pressas
 porque não chegamos a nos tornar amigos
 como os primeiros encontros sugeriram
 o que mais me agradava -
 a inteligência direta, livre de ironia

era o que uma alma atormentada
 que não se orgulha do próprio tormento
 chamaria de uma boa pessoa

morreu de pneumonia aos 52 ou 53

quando minha mulher me deu a notícia
 eu viajava, a trabalho, num trem de luxo
 que cortava o sudeste do Peru
 sacolejando de alegria e indiferença

lembro que bebi uma taça
 de espumante e depois mais duas
 pensando nos seus óculos sempre sujos

e por um instante
 enquanto admirava uma *chola*
 tocar em silêncio dois burrinhos peludos
 eu tive a ilusão de escutar a sua voz

INVENTÁRIO DE JOÃO (Lúcia Bettencourt)

à Yasmim, alma do João

Vejo você naufragando
 Num mar incompreensível.
 Vai bem fundo o seu corpo,
 Seus pés atingem o lodo

E os caules da loucura,
Já o cercam, já o calam,
E se enraízam na pele
Abrindo sulcos,
Desenhando mapas,
Extraindo-lhe o sangue,
Injetando-lhe a febre.

Vejo você caminhar
Até a beira do abismo,
E dali mergulhar,
Na vertigem.
Nuvens, nuvens, nuvens,
O peso do corpo que se enovela
E vira pedra, vira sol e abrasa
O vento que perde as asas
E tomba, tomba, na tumba.

Vejo a terra que se rasga em silêncio
Amaciada pelo trabalho de mil raízes.
As sementes desabrocham o medo.
As sementes mentem, negam a vida.
As árvores são espinho e penetram
Seu rosto, onde não medra o riso.
O seu corpo é agulha e me rasga as veias,
E sangro, sangro, sagro,
Sem entender o rito.

Danço com a morte,
Essa morte que não é minha
A morte a qual você não pertence,
Minhas mãos se estendem raivosamente,
Agarro seus cabelos.
Minhas unhas rasgam
O nada.

A morte vem servida no cristal mais fino.
A morte é uma taça de vinho, cor de sangue.
A morte se derrama sobre a cama
Onde um dia o gozo foi o grão-senhor.

O vinho é doce.

A sede, insaciável.
 No jardim do Éden,
 O fruto encapado em veludo
 Faz lembrar o calor de
 Um leite, leite, leite.

Fatal e indiferente
 A morte e alastra
 E eu o vejo
 bebendo um brinde a ela ,
 Mergulhando na dormência
 Enlouquecendo no cais
 No caos da despedida,
 Salvando, enfim, do ódio
 O que meus dedos resgataram
 Do abismo.

Como um afogado
 Você se agarra nestas palavras.
 Sopros, sopros, sopros...

Não.
 A morte não vence a palavra.
 Negue o tempo.

Tente entender.
 Se eu digo seu nome,
 Nego seu fim.

EXANGUE (Guilherme Ramos)

Heitor Ignorou Vários
 humores duvidosos
 (puro preconceito),
 - Viado! - como saudação
 (isso não tinha jeito),
 coisa de gente sem coração.
 Mas ele não tinha medo.
 Seguia. Vivia. Sorria.
 Dia e noite, desde cedo.

Heitor Intrigou Vários

pretos,
brancos,
amarelos,
vermelhos,
azuis.
Não sucumbiu ao preconceito
que lhe rasgava a alma,
feito os três pregos a Jesus.

Heitor Insistiu Vivaz:
foi à igreja, ao médico,
percorreu o mundo inteiro
para entender-se e entender:
não era um vírus que o matava (mas...)
Homofobia.
Ignorância.
Violência.
Eram pessoas. De sua convivência.

(Às vezes de seu próprio sangue.)

O RISO DE DEMÓCRITO (Maurício Duarte)

meu vizinho está ali
novamente sorri com todos
os músculos e nervos de seu corpo
sorri de nós que o achamos louco
sorri com a superioridade de Demócrito

os alertas sussurrados à época
rachavam as paredes
das casas geminadas: fique longe
não chegue perto é contagioso

como será ter o inimigo dentro de si?
como será ser o inimigo de si mesmo?
a raiva primeiro, o descontrole?

Demócrito sorri no escuro
diante de uma inesperada ternura
por ter tão perto um inimigo
onde escorar o cansaço

PARA ELES NÃO DEU (Viviane Mosé)

aos meus amigos, queridos.

Éramos nus
Na década de oitenta.
A liberdade se impunha.

Corpos expostos,
Almas compartilhadas
Cabeças.

Olhos famintos de mundo.
Mas veio a peste:

No umbigo da busca
No plexo
O osso duro de roer
A morte
A nos ceifar pelo sexo.

Saint Claire foi o primeiro
A desaparecer.
Tião Sá foi o segundo
A ser consumido
Por aquela foice esquisita.

Depois foi Cristina
A perder corpo
Pouco a pouco
Até tombar de dor
Na madrugada.

E eu nem estava.

Nunca pude esquecer
Seus gestos mínimos
Sua delicadeza.

Nem fui capaz de apagar
O olhos de Tião, na praia
Me dizendo, cara

Agora foi comigo.

Pouco depois ninguém mais

Morria.

Mas pra eles não deu tempo.

Pra eles não deu.

BETO (Bruno Molinero)

na única vez em que visitei

beto

ele me aguardava em uma

cadeira

de praia no centro da sala

segurando

um pedaço do fêmur em pote

de geleia

cheio de álcool, osso e formol

naquele dia, poderíamos ter conversado sobre seu primeiro amor e como os dois mergulhavam em tecos de pó, ouvindo cabeça dinossauro dos titãs, sempre as mesmas faixas, que também tocavam no último volume anos depois, nas festas em que beto passou a ir só para espalhar aquela porra, como fizeram comigo, ele gritaria, convicto ao se multiplicar em progressões geométricas e carimbar corpos e línguas e peles molengas que se misturavam até de manhã no apartamento de alguém, onde ele acenderia um cigarro na janela, lembrando o dia em que viajou para a praia com a mãe e recusou o ombro dela, sentados de frente para o mar, o resultado do exame entre os dois, ela liquefeita, ele sem derramar uma lágrima, como se tivesse um corpo formado por bilhões de grãos de areia, secos, incapazes de encharcar ou de aceitar um simples abraço, nem mesmo no dia em que foi internado pela primeira vez ou quando acordou com uma mulher toda de branco passando óleo de amêndoas em seus pés, e pensei que era um anjo, comentaria para mim, mas logo viu que era a enfermeira do hospital, a mesma que trouxe a notícia: você está tomando novos comprimidos e, se tudo der certo, logo vai para casa, como de fato aconteceu e onde beto voltou a ocupar o quarto que tinha sido seu até a adolescência, uma volta às origens e o início dos efeitos colaterais, do câncer nos ossos da perna, motivo pelo qual perdi a cabeça do fêmur, esta mesma, que está neste potinho há vinte anos, um troféu da sobrevivência e da teimosia, não é qualquer coisa que me derruba, ele diria sentado na cadeira de praia, a faca nos dentes, vestindo a capa do herói que gostamos de ver em reportagens de TV, suando e babando superação e força de vontade

amor e compaixão se encontravam
 novas possibilidades e remédios em tratamentos alternativos traziam
 a esperança de volta em conta-gotas
 tempo de nos perguntarmos: por que não eu?
 e a aids começou a ser controlada
 crianças saudáveis de mães positivas
 pessoas contaminadas que passaram a não apresentar registro do
 [vírus

e a aids começou a ser controlada
 mas outros vírus assassinos começaram a aparecer
 nessa luta inglória, a humanidade sobrevive e cria anticorpos
 e a ciência novas vacinas e remédios
 o homem tão perecível e mortal leva a sobrevivência como missão
 a vida sempre vence a morte
 só um ponto final da viagem na terra
 ao aprender, evoluir e aceitar a temporalidade
 viveremos plenos e conscientes do caminho a ser construído
 superando provas e surpresas
 que virão

DO AMOR (Thiago Ponce de Moraes)

para o meu avô
José Carlos Lopes Ponce
 in memoriam

existe
 isso
 que te torna mais vivo
 isso
 que te torna mais dentro e mais febre
 isso
 que te acelera e dispersa o abrigo
 e te fere e te turva
 e te fisga
 então
 fera
 arisco
 e desperto entre as coisas
 que tecem seus riscos
 na vida
 acendes em cada sentido

um maquinário
íntimo de vibrações
sobre o visco silente
de todo toque
que aqui se invente
fluido infinito no horizonte
disso
e por
isso
sentes
pressentes
a saliva a seiva
a carne abstrata
do presente
animal à espreita
no coração
à espera
do sumo absurdo
dos sussurros
do ciclo secreto
das trocas
rubro líquido
pulsando
pulsando

CARTA A QUEM NÃO VEREI (Elisa Lucinda)

para Maria Cristina

Aos poucos avisto a asa da morte.
Sobre o quarto ela bate sua razão forte.
É de tarde.
Irmãs perambulam entre remédios, poções, mandingas.
Será inútil.
Sei que recebi uma sentença de morte.
Estamos em 1995.
Fiquei omitindo a bomba-relógio,
fiquei fugindo e me escondendo de vocês.
É de tarde, é triste, e é chegada a minha vez.
Vem o crepúsculo pela janela e com ele a febre descortês.
Sou a mulher que fazia amor sem preservativos,
por que o parceiro era meu marido.

Temendo que soubessem de sua bissexualidade,
o seu amor por mim virou maldade,
e nossa alegria meu fim.
Uma irmã chora no canto escondida de mim,
a outra faz sopas,
mas minha baixa imunidade fez carne viva de minha garganta.
Não adianta.
Não nasci ainda no tempo da cura.
Quem me olha tem amor e pena,
ainda não entende e me oferece essa mistura.
Cada vez mais magra, minha existência reduzida
esqueletiza os sonhos, inviabiliza minhas medidas.
Quem sou eu agora? Que corpo componho?
O que saberá de mim o filho que não terei?
O que falarão de mim por causa da causa da qual morrerei?
Não serei mais aquela exímia médica,
digna, impecável, competente?
Não mais serei?
Me lembro daqueles olhares sobre mim
no dia do diagnóstico dentro do hospital.
A humanidade aponta a doente como se não prestasse
e por isso merecesse o mal.
Minha irmã, artista, conta piada à beira da cama.
Quer me fazer rir.
A outra, psicanalista, me prepara saborosos caldos e conta histórias
[da infância.
Quer me fazer dormir.
Faltam sete dias para minha morte,
a me ver assim perdendo tão jovem a luta da vida
meu pai preferiria não existir.
Se ele fosse Deus inventava uma saída.
Agora já é noite.
Quem me contaminou não vem se despedir.
Já não é mais amor.
Abateu-se sobre ele um veneroso sadismo
e diante do meu espelho de dor,
passou ele a me agredir.
Pra quem está à beira da morte,
o que é permitido pedir?
Talvez eu tenha tido a sorte de servir.
Pois sou um exemplo para vocês que virão depois de mim,
para as mulheres que se calaram quando desconfiaram da vida

[dupla de seus parceiros
 com seus encontros em públicos banheiros,
 e não poderiam reagir se eu não tivesse virado estatística,
 se eu não rompesse com a machista mística
 de aceitar ser do homem o que ele preferir.
 Morro por um novo tempo,
 esse que vai prosseguir e trará um novo alento:
 Pessoas variadas de identidade de gêneros não precisarão mais se
 [omitir.

Morro para que haja um tempo onde não se tenha que mentir
 sobre com quem se quer realmente transar, ficar, curtir.
 Quem me assassina hoje não é só o atraso da ciência.
 Não.
 Quem ceifa minha vida e a toma de minha mão é também o
 [preconceito,
 uma falta de jeito de amar as pessoas como elas são.
 Meu algoz era meu amor, meu amante,
 que achou que não era tão importante que eu soubesse a verdade
 e sobre meu destino pudesse decidir.
 Agora, já vai o dia embora, na hora em que a febre retorna,
 só o delírio, me sobra, e não tenho mais porvir.
 No entanto, estou calma.
 Diminuo, me recolho,
 sou uma mulher de olho no que significa o entorno da história do
 [meu sofrer.

Você que está me ouvindo agora,
 e deve ao futuro pertencer,
 desfrute das prevenções
 e das coisas do saber.
 Porque eu morro hoje
 para amanhã você não morrer.

O GRANDE MEDO (Italomori)

logo na hora do McDonald's
 gânglios implodiram-lhe o pescoço
 grossos como cordas, lajes
 pendentes, feito açougue -
 carne estraçalhada, e apodrecida

- AVENIDA HIPOTRÉLICA -

seus altos prédios escalavrados
 os -
 demasiadamente humanos
 demasiadamente humanos
 contra o céu, decepado

- Cães,
 carregai a legenda Italo para o meio das ruas,
 fazei retinir em cantos escusos o mito Italo.

os
 demasiadamente humanos,
 vou, de boca em boca,
 despedaçado como as calçadas da cidade decadente,
 alimentando a boataria,
 inspirando jovens visionários

passado jamais existido
 sem mais leitores
 carne podre
 úlceras no cu
 logo na hora do McDonald's

(1985)

CLEARLY NON-GLOSSY (Carta para Caio F.) (Italomori)

Comer e dar, dar e comer, comer e dar, aos pombos, aos porcos,
 mergulhar em cocô. Aquele cheiro incomodava, eu ainda não
 sabia que vinha e logo de onde. Vingança do tipo de anjo.
 Quando nasci uns banjos galopantes disseram, a vida é brutal,
 sabia? Quero delicadeza.

Preciso comer. Preciso tomar as pílulas. Vou comer. Você não vai comer. Você vai
 ingerir as pílulas. Com bastante água. Preciso
 comer. Vou delirar. A boca pela tua pele até perder. Tudo. Não
 quis deixar nada. O peixe morre pela boca.
 Nada deixar. Nada. Cascatas de secreção tatuam a pele triste.
 Tatu. Lhe dei leitinho. Deixa. Jorros. Vindos do ventre besta
 desativar o credo em cruz, credo. Fica. Deixa. Desitalianizar-se.
 Deixa tudo. Desamericanizar-se, desbrasileirar geral. Não fica.
 Não volta.

QUEM (Italomori)

Você me deu vida, como um vício,
 como a última prise descrita
 naquele poeta antigo
 que nunca despertou.
 Agora o dia se organiza quase espontâneo
 para o trabalho.
 Até o sexo tem sua lavra.
 Se te dei um vírus,
 terá sido dente por dente,
 um dia na vida por um vírus.
 Vampiros de vitríolo

nos vidros vidrilhos brilhantes da calçada
 direto na veia, olhou, foi você mesmo
 quem escolheu? chá das cinco merece
 quem labuta, quem
 perfura o outro com olhar-adaga,
 guerreiro atrás do undécimo embate, puro gasto.
 A transmissão, a transformação, a transmigração
 dos corpos, despossuídos agora, já.

Seríamos, então, por trás da veneziana,
 vampiros farmacológicos, e nosso rito
 o escambo excitado de enzimas venosas.

Mas quem poderá jamais alienar
 a memória roubada do teu, nosso
 desejo - imperial fascista alegre
 preparado de anjos inausteros
 augustos em suspensão, a levitar calçada.

PELA DÉCIMA VEZ (Amara Moira)

Confia em mim, sou casado,
 doador de sangue e, por deus,
 primeira trava com que eu
 saio é você, olha o estado
 em que ele fica, babado:
 te dou mais dez, nem assim?

Você tem cara que fez
 teste, o meu deu nem um mês;
 aliança e tudo, eu sou, sim,
 casado, ó, confia em mim.

CEGO AMOR (Armando Freitas Filho)

O rigor do amor
 tem dois gumes.
 Um com a nua faca
 sem nenhum cuidado.
 Outro na bainha
 é pura carícia.
 Os dois são incontidos:
 o primeiro tem a mesma
 sede de viver que o outro.
 Como no escuro dos corpos
 na pressa da paixão
 saber o risco, o corte dos dois?

(Armando Freitas Filho)

Amor pelo mesmo suor
 e mesmos cabelos
 pelos
 membros iguais
 de corpos que partem pares
 mas não reproduzem
 nem imaginam
 ninguém além no desejo
 idênticos no calor
 e deixando na água
 a mesma marca de sal.

O CORPO (Mariano Marovatto)

*

O corpo alarga uma metáfora política
 Não é república ou infalível.

Tentativa única,

Acoplado em grãos de areia fui multidão e oceano
Banhados pela luz solar

Não parei de estar e sigo

Articulando os membros de um corpo só
Possível nos inevitáveis corpos tantos
Anfitrião e convidado da mesma festa
Agente reagente do fluxo por onde as frequências

Todas

Se traçam
Se debatem
Se destroem
E se refazem

Estou lúcido e são no turbilhão confuso da ciranda
Desarmo meu pranto e meu sorriso
Na cova de qualquer bochecha
Minha juba veste todo couro cabeludo
Poros alheios sustentando os pelos que desaguam em suor
Estou em todos
Estamos pulso

Mutirão de si mesmo mirando as direções
Quem respira o mesmo ar compartilha o mesmo sangue
Nada mais fazemos que carregar o mesmo sangue

O trânsito flui
Estou em todos os carros que se deslocam

POSITIVO (Carolina Turboli)

I
Certo dia, talvez
há anos, recebi uma carta
curta e sincera
de laboratório.
Não era de um amigo
não era uma carta de amor
mas era um sim não como

aqueles que se dizem na igreja e no cartório
era um sim reto e seco
quase sozinho
naquela carta quase
telegrama.

II

A carta me olhou “você se lembra?” e
as escuridões do meu templo
disseram que sim.
Freya era aquela mulher
que todos se lembram
cantava como lavadeira
que lava a alma e na manhã
seguinte lavará de novo
até não mais poder.
“O seu real não me serve
mais” ela me disse
enquanto eu chorava
ainda o talvez.
Não houve canto
nenhum quando
o não soou.

III

Você pode ferir o corpo
mas não o tambor de dentro.
Este está fora do mapa
e desconhece amor que dói.
O mais são xingamentos,
flechas, caras de doença
e uma foto minha no facebook
onde os outros dejetam
seus preceitos.
O beijo que escarra
eu guardo num retrato
trancado no porão.

IV

É fácil mas não há nenhum
trabalho que não o real.
Por que eu ficaria furioso?

As pessoas não sabem (são tão estúpidas, as pessoas), ser sempre o mesmo e um outro é viver com mais do que preciso eu quero direito o corpo já não mais aprisionado e eu juro por deus que é maravilhoso viver. Não sou um mantra medroso duro enquanto vivo sem dramas além das dores: parto como o teu.

V
Veria Freya de novo
sem tanto medo do não
sem tanto medo do sim.
E mais uma vez se fosse pouco (sempre é pouco).
A vida cobra um preço:
entre o machado e o sândalo
fico com a coragem
que é mais em conta
(e peço mais um pouco quando for preciso).

OLHOS AMARELOS (Silvino)

Dos meus olhos amarelos eu que sei
Não há vergonha em tudo isso que sou
Agora ainda há sonhos
Nesta estrada eu vou pisar com toda a história que calaram

Neste velho armário novo eu não vou entrar
Parcelado em dias de aflição
Não me perguntaram se eu queria ir
Só me apontaram a direção
Do segredo, da vergonha e do medo de ser assim: positivo!

Dos meus sonhos reescritos eu que sei
Trago na boca cada canção que mudou
Quem luta mostra os dentes e minha alma eu vou lavar

Com a força do meu canto

“TENTE PASSAR PELO QUE ESTOU PASSANDO” (Heyk Pimenta)

esse verniz
delicado

é deslizamento de terra
e sacerdócio

por isso os tecidos frescos

para mexer o café do futuro e
repartir o pão dos pássaros

nossa granada sem pino

enquanto apuramos os números do congresso
e esperamos na fila do

cinema

nosso olá como vai
eu vou indo e você

e seu cuidado
em terminar a cápsula

que nos mandará para fora da chaga
enquanto atiram e por isso atiram

mas já estamos perto da estação

lembra quando disse
que já éramos heróis

porque alimentávamos
o cachorro
com a vida que tínhamos
e nenhuma planta morria?

agora nos vejo mais como garçons

trabalhando num pedaço novo da cabeça
ganhando bem
jogando fora o adoçante
e ensinando como se come com a mão

A LÍNGUA ÁSPERA DOS GATOS (Henrique Ludgério)

I
você não vê pra onde isso corre?
por dentro sonhamos com eternos encontros e
a capacidade do abismo
eu completo como uma frase:
é assim que meu corpo reside.

meu corpo é meu
único sufoco e também minha única saída.
inventaram um jeito de iludir os homens
e toda vez que eu amo eu tenho medo.
caio fernando abreu
caindo sobre a minha cabeça,
o destemido amor, a palavra, o sorriso de pedra

uma coisa que inventaram como estranha
mas todo mundo a tem.

ser assim,
e somos,
é como ter capacidade de regozijo:
uma coisa que inventaram como estranha,
mas todo mundo a tem.

II
eu desço até o inferno
para me livrar das invenções que me amarram
o inferno foi um lugar em que primeiro me colocaram
e no qual depois eu me coloquei
logo agora
na derrocada desse milênio desastroso,
preocupado,
simples,
ingenuamente poderoso, crescendo com ervas daninhas
eles e eu estamos prontos.

mesmo que os outros daquele inferno tenham tentado:

a culpa cristã é uma arma psicológica;

o hiv é uma arma biológica.

era.

na ficção científica que vivemos agora

somos hospedeiros preocupados, fortes e alimentamos tudo por

[dentro

tememos mesmo perder a liberdade

a aventura

tudo como uma vontade de não pagar impostos

você ainda não viu que somos todos iguais

e por isso agora mesmo temos tudo isso dentro

sem ter ou não

o medo é a coisa mais comum

e também se transmite.

e tomamos como que conscientes um remédio que

salve mesmo as nossas cabeças

porque nosso corpo

há muito

os outros já não querem que nos pertença.

ouvindo “Americanos” de Caetano Veloso.

(Bobby Baq)

Uma pessoa cava o poço.

O poço cava uma pessoa.

Em ambos o vazio

da mesma líquida

lagoa.

Uma pessoa se molha de chuva.

A chuva se encharca de uma pessoa.

Em ambas o odor

da mesma líquida

garoa.

Uma pessoa termina o começo.

O começo termina em outra pessoa.

Em todas o fluido

Navegar

(Isadora Bellavinha)

O vírus assola
 O vírus espalha
 O vírus resiste

Meu corpo aberto, entrecortado - é corpo triste?

Respiro um ar branco calado no fundo do abismo
 meu peito organismo
 Encaro esse estranho de lado, me cansa, me arde,
 me vira o juízo
 O vírus me come as entranhas vestido de preto
 me arranca do riso
 A tripa comida se exalta, revolta e assalta
 a tripa do vírus

A tripa devora
 A tripa se arma
 A tripa insiste
 A alma aperta, entrelaçada - no que ela consiste?

O vírus se despe
 O vírus se acha
 O vírus persiste

NAIRÓBI: (Tatiana Nascimento)

#1

passa, se não: fica. se ficar, consome.
 passa, se não: morre. (mas) se não mata, some?
 sonha mais comida, menos homem...
 mas se deitam pra sonhar num come.

#2

cientistas e suas pipetas alegam a busca da cura.
 a ampolheta titânica dos seus congressos, internacionais,
 lembra nada da dureza das vidas que invadem, coloniais. na
 mídia o continente-mãe ganha medidas más y más

zoologais (im-

perialistas!, todos eles, imperialistas!) en-

quanto os dias delas escorrem
segredos de sêmen y sangue, seguem

ofício antigo demais pra qualquer
direito trabalhista

(João Maria Cícero)

eu quero um corpo que não sofra
que não sobre

que não falte
que não infecte outros
que não sinta falta
que não rejeite
que não possa rejeitar

eu quero um corpo desfeminizado desmasculinizado
[descaracterizado desarticulado
um corpo que não tenha norma forma nem forma

um corpo
que não precise ser presidente
que não precise de presidente

um corpo que não conheça a palavra liberdade porque livre é
[condição sine qua non

um corpo que não seja limitado a um corpo
um corpo limitado

um corpo
em itálico em negrito sublinhado traçado articulado

logicamente um corpo ilógico que não faça sentido porque não há
[sentido só sentidos

um corpo que respeite sexos sexualidades e sex shops

um corpo

que se complete em outros corpos e outras atividades outras
[formas e outras desidentidades

um corpo
amédico afarmacológico aterapêutico

QUAL-VAI-SER (Letícia Novaes)

só crio caso
só machuco a mão direita
só sei 6 pratos
só volto por essa rua
só faço aquela voz quando vejo rato
só choro no banho
só viajo desse lado
só bebo meia garrafa
só gosto desse jeito
só implico com aquela ex
só sei piada boba
só acredito em vinagre
só seco no varal
só durmo de lado
só prometo quando me arrependo
só recebo de olhos fechados
só acredito sentindo
só cago pela manhã
só mergulho depois da proteção
só respiro pela boca
só adoeço na cabeça
só tomo remédio colorido
só gozo quando viro
só rego as plantas de noite
só faço ovo mexido
só gargalho com o jim carrey
só descobri que a gente tem 6 litros de sangue no corpo outro dia
só rezo na hora do diagnóstico

UM AGORA (Bruce de Araujo)

Você me questiona da não transa
faz tempo de juntos
e nada de passar da boca

eu embromando
inventando desculpas
fugindo quando me aparecia nua
você de início paciente
hoje com o desejo tão latente
e eu não consigo dizer
não encontro maneira
impulso, coragem
tenho medo que ao saber da verdade
você se aparte de mim
termine com tudo e vá-se embora
e seja o fim da nossa aurora
mas não encontro um agora
pra te dizer tudo tim-tim por tim-tim
e depois, talvez, quem sabe, enfim,
você me diga que eu sou lindo assim
e eu sorria
e você me beije e diga:
- Pega a camisinha e mete em mim.

90'S (Marcelo Reis de Mello)

I
quando eu era criança era o homem do saco
depois cresci e era o noia da seringa
que no semáforo atacava donas de casa distraídas do horror
verrugas orais, bolhas de febre, leucoplasia pilosa, sangramento gengival
eis uma forma de encarar a passagem do tempo
uma mudança de paradigma
de uma longa temporada em cativo
a uma picada breve

II
nos anos 90 descobríamos o sexo na farmácia
quem perdia a vergonha de pedir Jontex Blowtex Olla
(farmacêuticas são sempre tesudas e intimidadoras)
descobria que o cheiro do látex e o cheiro do sêmen se misturam
para sempre

III
hoje chamam carne de proteína
pão de carboidrato

picolé de paleta
e trepa-se com uma advertência
do Ministério da Saúde colocada no cóccix
(exceto em festas do carimbo
e nos filmes do Tinto Brass)

IV
dizem que foi Cleópatra
(e não Annabel Chong)
quem inventou o gang bang

V
os xvideos têm mais categorias
que a ciência da literatura
mas é politicamente correto
não saber

VI
sida é a nova clamídia
antirretrovirais são os novos hi-fis

VII
apaixonamo-nos pelo Facebook
encontramo-nos pelo Tinder
desencontramo-nos pela casa

VIII
e, por um segundo, mergulhados em nossa catástrofe, todos nos
[olhamos nos olhos.

SEXO É POP (Dimitri BR)

sexo é pop
sexo é música
pop brega rastaquera
todo mundo gosta
todo mundo canta
até quem tem vergonha
dança desde criança
todo mundo sabe
todo mundo quer saber
de onde vêm os bebês

mas isso ninguém ensina
todo mundo aprende só
na rádio, na tv, na internet
atrás do muro da escola
todo mundo faz
todo mundo joga bola

sexo é pop
sexo é saúde
risco de vida é gravidez
vida após pequena morte
(que é orgasmo em francês)
todo mundo morre um dia
e todo mundo nasce uma vez

sexo é pop
sexo é bom
uh-uh-uh já sei namorar
pecado é lhe deixar de molho
errado é não me dar cuidado
será que vamos ter que responder
pelos erros a mais
de quem nos nega até conselho?
quem é que vai nos proteger
senão eu e você
meu bem?

sexo é pop
sexo é som
sexo sim
sexo vem

(Pedro Dziedzinski Rocha)

mergulharei entre veias
minúsculo
de vitória provavelmente minúscula
somos dois, ainda que românticos sobre as mesas
de um mundo todo provem-nos o contrário
mergulharei entre tubulações
positivas
beberei dos tônicos para diminuir tamanhos

me enfiarei sob os teus músculos
 chutando glóbulos e linhagens - peço desculpas
 a dor
 que de verdade sentes
 não hei de descalçar os sapatos
 mergulharei de coturnos à mostra, esvaindo a cegueira
 o olho nu cortou-se despercebido
 e me importa - como a vida, um dia
 tornar à visibilidade
 lhe cravar no fim a bandeira
 imunológica - trêmula de que te amo.

**CORPO QUE FODE ANTISSOPOROSO TODO LACRADO COM BORRACHA
 (Rafael Zacca)**

E, com látex, latejando late,
 mastiga com a boca o preto da noite,
 pois vivemos, tu e eu, desvairados,
 mamando a pelanca que nos sobra hoje.

Agora que não é só pele o amor,
 e é mais poroso o amor assim lacrado,
 mais que a pele das mamas, mais poroso
 ainda que a pele da noite, e amarga

o látex latejando na pélvis
 (dentro vai moendo a boca mamífera),
 e é mais fibroso que a moenda alérgica
 de lábio e prega que a borracha minguá,

um corpo fode e late mais poroso
 que borracha lacrando uma cabeça
 de pau, que fode e late sem do soro
 ser guarda, nem memória ou mesmo presa.

SEM CAPA (João Pedro Innecco)

gatilho-máquina
 corpo
 esse, meu
 matéria vácuo e fato
 peso que pulso

pulso que pesa
 isso tudo é só isso:
 universo em crise
 tensão acumulada
 existir sem chão

(todos os litros que eu sou escoam)

o limite da goma do gomo da trama na cama esse limite não
 tem dono nem dona não tem cano nem cona não há estruturas
 cálculos não há curvas desafios oráculos não há velejo nem tiros
 nem mesmo espátulas não há microscópios não há microescapes
 a vida não tem manual só tem tique-taque
 a existência é em si os bugalhos da nossa cabeça de árvore que
 acha que
 a existência me bate à porta com merdas e hortas parece que não
 tem nada a ver
 mas aprendi que é por linhas tortas que se escreve a vida
 dú

vidas
 dí
 a mão lhe batendo a porta

culpa cristão
 nojo
 reprovação

concentrados na aorta
 um,
 dois afetos ou afagos:
 na cabeça pregos
 desencaixados
 eu fico assim
 feito caixa
 sem chão sem lados

(Maria Rezende)

O amor nos tempos do cólera

O amor de coleira
 amor livre mas não despido

nu de meias
o amor de capa de chuva

Amor que cuida
de si
do outro
da humanidade
amor sem temor
mas sem ingenuidade

Amor sem ilusão
amor de verdade
com força fé látex coragem

Amor que permanece
que atravessa as idades
amor que cura

Mucosa com mucosa
agora é só pra quem
mais do que duro
dura

AORTA (Alessandro Sbampato)

tudo que eu disse que eu te dava
eu te daria:
amores de calma
desejos de todo dia
tudo o que mais valia

tanta sabedoria
que a gente ainda não sabia
tanta teoria
tanta práxis
tanta magia:
integrais e derivadas
umbanda e filosofia
métricas de poesia
países da oceania
astronomia
espeleologia

calorimetria

quantos segundos
tem um dia?

tanta beleza
que eu via
tanta coisa
que eu não tenho
e que eu queria
tanta alegria
que me contagia

na junção da minha e da tua aorta
o que menos importa
é a sorologia

DE SEGUNDA PRA QUINTA (Bruno Couto)

Fui largado na terça,
chorei.
Na quarta entrei em luto,
Mas na quinta recebi um abraço.
E nada ficou no lugar.

Me desintoxiquei de você
como quem enfia uma faca
no antebraço
e desce a veia rasgando até o pulso
para tirar o veneno.

Com os remédios do HIV
tive sonhos vívidos de tudo
que não enfrentei na vida:
 tive que esvaziar as gavetas
 embutidas da cama quando minha
 mãe me expulsou de casa.

- É pesado ter sonhos tão reais
com sua mãe me explicando
que foi melhor você ter me largado.

Por WhatsApp pedi que aquele
abraço amigo de quinta demorasse
um pouco mais
e eu não me importei por toda
aquela gente que assistia
a meu abraço de amparo.

Vou me tornar indetectável de
você, do vírus.
Do mundo.

E, talvez, eu ainda lembre dele
com a certeza de que o tempo
passou, que a vida mudou, mas
sem tristeza, apenas seguro de
que ele se fudeu.

AMANDA TEM AIDS (Caio Carmacho)

li num pixo
em um muro
não sei exatamente
o que me chama mais atenção
se é o medo o veneno
a vulnerabilidade de seu autor
eu não conheço a amanda
mas o juiz anônimo que a sentenciou conhece
logo o sujeito da frase pode ter como pode
também não ter AIDS
amanda pode ser uma piada sem graça uma agressão gratuita
um modo bem brasileiro de dizer
'eu não gosto de você'
porque a ignorância é uma benção
escrita em um muro
por alguém com muita inveja ou mágoa
amanda amanda amanda
que deriva da palavra amor
que quando não correspondido
vira neurose doença ofensa
em tempos tão trevosos
amar amanda é o que vale
independente do preconceito da moral

e da AIDS

HIV (Guilherme Zarvos)

Falar de câncer HIV de hepatite C
 Só pelo pedido do Destino
 Resposta de Poeta para Poeta
 Enganadores muitas vezes do sofrimento
 Dizer que Dor Cruel é não Viver
 Pois não é difícil tirar a vida
 Falar de amor
 De água
 Dos voos como foram dados
 Continuarão
 Conviver com doenças e doentes
 Todos querem viver e tantos deles
 ávidos:
 - Quero ter mais tempo para Ler
 Ter medo de sangue, de esperma
 Cuidar-se, cuidar do outro
 E o mundo vai apocalipse
 Homem-bomba explode-se com 1 canalha
 Ficarão humanos de alma pura
 Como a tua
 Beija-flor

PARA LÁ DOS 70 (Guilherme Zarvos)

Envelhecendo com dignidade, convivendo com as
 Doenças, seja a diabete, que deixa minhas pernas
 negras, o coração de mudanças de ritmo e de humor,
 O pulmão com água. Envelhecendo e esperando a
 Morte. Sem revolta. Comendo de tudo. Tudo é
 Proibido. Sonhando com viagens que não posso
 Executar. O médico manda exames, às vezes os
 Faço, às vezes nem envio de volta: ficam no armário
 Canetas, relógios, fotos de família, contas já pagas e
 Várias pílulas, todas as cores, chego a tomar 17 ou
 Mais por dia. Se estou com raiva não olho a
 Prescrição. Esqueço. O que mais pode me acontecer
 Morrer? Já nem sei o que é isto. Estou tão próximo.
 Da morte que ela já nem existe. Estou dentro do

Enlace da morte. Eu quero é que se foda. Desculpem-me.
Envelheço com dignidade.

SORODISCORDANTE (Priscila Andrade Cattoni)

*para Bruno Cattoni,
amor e vida,
agora e sempre.*

Discordância de sorologias,
encontro de afetos.
Nossas histórias, projetos

- conjuntos, unos.

Que nem tudo é luto,
nem tudo é luta,
nem todo desfraldar é de bandeiras.
Nem toda discordância é ausência.

Apologia do amor positivo.

Construção do dia a dia,
sólido.
Pequenas intimidades
povoam a casa.
O amor, positivamente,
une, congraça.

CORREMOS (Maria Caú)

fumava um cigarro de fundo de bar
você
da primeira vez em que te vi
enuviando as lágrimas que ainda secavam no Dakota
com duas ou três cubas libres
quando nada naquele bar de fim de noite
podia nos gritar da madrugada
o calibre fresco do abismo a se erguer
num sapatear compassado e sorrateiro
bem no epicentro dos silêncios
entre as linhas de euforia

de uma vitrola escancarada de rodopios
escuros

“Corremos,
não nos alcançaram!”

tome agora de volta para si o corpo
que domínio seu
e o abrace
em rubor consentido
arranhe o tempo que pesa sobre os ombros
sinta dele a respiração ofegante
um, dois, três
solte o ar
com um frêmito incontestável
de vitória
corremos
tantos
por que a nós - junto nós
não alcançaram?

andávamos aos parapeitos
sem saber das alturas o turvar-se de agonia
com a licença poética
de viver antes da juventude
quando dela ainda se adivinha
o preço - e o rugido

quando começamos a correr?
quantas vezes pudemos olhar para trás?

depois, te vi de novo
repetidas vezes
trazer plantas arquitetônicas
para coroas de cansaço
escorregando das cabeças calvas
que suplicavam trégua
as pétalas em número
ímpar
pedindo que eu as contasse
e desse por falta
de mim

o que deixamos pelo caminho?
um cortejo veloz
de aflição furtiva
nesses zigue-zagues matutinos
em turbilhões concêntricos
cada vez menores
até todo toque se calar
de vez

dia desses resgatei uma fotografia
que caiu do seu bolso apressado

eu e você
não devíamos ter mais que 20 anos
numa juventude enregelada
que jamais nos caiu bem
como alternativa única

em que átimo começamos a correr?
como não nos alcançaram
com nossos sapatos de chuva
tão pesados se úmidos?

escolhendo-me vagaroso
eu hoje vigio você
nas esquinas
nos mercados na feira
sei que gosta de mangas maduras
e gérberas vermelhas
mapeio cada ruga pronta
a espantar a primavera
sempre esmigalhada em tempos de trincheiras
e espartanear sua face com doçura
tento
lhe dizer em silêncio
entre maduras e vermelhas
na exposição das farturas
que brotam doutro corpo
ao dobrar da fronteira daquela terra devastada

“Corremos,

não nos alcançaram.
Nos alcançaram os anos,
que eu recebo com uma grata reverência.”

mas, envergonhado, nada digo

“Oi, tudo bem?”

“Bom dia.”

“Como tem passado a sua mãe?”

da boca me saem frases feitas de normalidade
mas sei que temos um segredo imenso
ele me pesa nas mãos
eu o examino em espanto

Corremos.

tantos exaustos pavimentaram o caminho
e descoloriram-se do mundo

vencemos a corrida
porfimpornósporeles

Chegamos ao futuro impossível.
Não nos podem alcançar aqui.

ASSIM COMO A NEVE (Carlos Cardoso)

para Caio Fernando Abreu

Alguma coisa aconteceu comigo,
a cada dia uma vontade
própria da linguagem aparece,
meus músculos estão nos nervos,
sinto na dor dos ossos a dor nos ossos,
meus olhos andam mais turvos
e o caminhar mais lento, mais vírus,

ainda não sei o que está
acontecendo comigo,
meu lado esquerdo
teima em ficar dormente,
feridas aparecem na linha do corpo,
manchas sobre a pele

não mais me surpreendem.

Tente entender!

Em meu silêncio moram os verbos
que não saem de uma forma clara,
o vírus da insônia
petrifica minhas articulações
e minhas palavras.

Está tudo tão confuso
está tudo tão mais frio,
disforme,
é que algo aconteceu
tão estranhamente estranho
que sequer sei dizer o quê.

Tente entender!

Algo no passado tornou o agora
e o futuro tão mais puros
e comum a todos
no mesmo espaço cósmico.

Sei que assim, entendendo o que
digo que é, talvez o que quer que for,
isso seja eu,
e tudo fique na linguagem do corpo,
no vírus d'alma,

assim como a neve
no coração de quem sabe.

HIV (Yasmin Nigri)

ei mãe
eu tenho papel e caneta e
antigamente sentia que nada bastava
o corpo não contentava o peito
eu fui pra ver se tinha lugar
que contentasse melhor o peito
que contentasse melhor a palpitação

secreta no coração
eu desejava agarrar a natureza pelo rabo
não tem tempo
eu fiz as pazes com o peito
levo papel e caneta pra todo canto
uma hora chegariam as palavras certas
não dá mais pra esperar por essas
então eu compus outras
pode ser que agora não pareça
mas eu conservo muitas das suas raízes
quando eu falei do corpo não comportar o peito
estrepitoso
eu quis dizer da noite moral
desculpa a falta de jeito
você ter descoberto assim
sido atingida no peito
o golpe deve ter abatido
como me abateu
e agora você pode perceber como eu
que jamais devia ter te tirado de cena do dia
sombra da sombra
cheguei lá e abri o envelope
mergulhei no papel
os olhos injetados
a partir dali
me arrancar o sorriso dos lábios
ao chegar em casa a impressão
é que tudo ali se despedia
sondava você e o pai e todos os objetos
olhei o relógio e ainda não era nem meio-dia
voltei a mergulhar os olhos no papel
por horas o olhar deitado em ondas escuras
era impossível levar daquela maneira
afundar vocês junto nessa existência
atormentado pela ideia de quem eu fui
e quem eu viria a ser
o vento bateu no parapeito
fiz mais sentido aquele vento do que eu
levando a mala
quando a notícia chegou à imprensa
repassei na cabeça aquelas cenas do envelope na mão
que eu resolvi esconder

e o peito
que já estava ameno
permaneceu
chegava a hora de te escrever
pedir perdão
e dizer que não só o peito me levou
como a cabeça não comportou
a ideia de ser uma faixa de pedestres entre duas paredes
uma rampa em círculo
um corrimão de dois dedos
foi assim que eu me senti
um bando de degraus
que dão pra parede
uma parada de ônibus
por onde nenhum ônibus passa
eu tinha tantos planos de progredir
ir pra TV e pro cinema
eu quis continuar vivendo os mesmos planos
você sabe
eu sou olho mágico em janela de vidro
não dava pra ter permanecido
sobre estar novamente em equilíbrio
e enxergar nesse furo jornalístico
um ato divino
pra gente se reconectar
ei mãe
eu quero que você saiba
que onde havia bancos
e uma placa de proibido pisar na grama
eu retirei a placa

PERSPECTIVA (Lisley Nogueira)

apareceram novas manchas
essa febre
que eu pensava ser outra coisa
todas as dúvidas
ao mesmo tempo
(e um medo que eu nunca tive)

Um vírus

apareceram
os que me apontam
a todo instante
eu só queria voltar no tempo
por não saber disfarçar
[lamentei por tantas máscaras]

Três letras

apareceram certos anjos
psicodélicos
que me veem seguir
com a minha boca seca
pelo ar rarefeito
diante do espelho
(ainda me sinto vermelho)

Positivo

a vergonha
depois do aviso
avalanche
tsunami
(mas hoje estou preparado)

Permaneço

valido meu sorriso
mesmo com pouca sorte
mesmo que a morte
me engane

A vida urge.

(Luiz Felipe Leprevost)

diante de um corpo diante da sua dança onde
encontro o *não afetado pelo outro* alguém
não misturado de outros onde encontro?
não encontro

e me encontro

ritmo respirado esse corpo essa forma
 nunca fixada essa sugestão nunca terminada
 essa promessa que promete as várias
 possibilidades que não fomos e
 poderíamos ter sido ou ainda que
 venhamos a ser

se de repente incertas experiências
 se de repente incertos desvios
 se de repente impulsos desejos faros faróis
 se de repente o animal que habita em mim é
 melhor do que eu que penso *eu* e interrogo

se *eu* é estômago

intestino

coração

se eu são tendões nervos
 músculos esôfago

pâncreas vesícula

se *eu* são pulmões lugar da alma
 ar que respiro

eu eu eu eu eu eu eu eu eus

minha funcionalidade

dispositivo aparelho equipamento

um lego sanguíneo

um logos dissecável

e a medicina por alarmes

a medicina a falar por alardes

a medicina a desentranhar na

festa do serviço único de saúde

na celebração da honra de deus Termo

em sua deriva de corpo em sua

interminável deriva

no estar à deriva de si em si e consigo mesmo

tudo querendo começar a continuar no corpo e

diante do corpo no corpo como *fim* obstinado o

corpo produzindo o corpo o corpo produzindo

anticorpos para manter permanecer

perpetuar o que não é perpétuo e passa

com tudo o que passa pelo corpo o corpo passa

no incessante movimento da eternidade que

é incessante e eterno o corpo a passar como a

saúde

como a cena que encena algo

como a medicina
 não havendo uma única forma
 uma forma unívoca para o seu *ser-vírus*
 sinais da dança diante da
 dança
 diante da doença
 a saúde íntima
 equivalendo ou não
 a saúde pública em
 sua deficiência democrática em sua
 insuficiência
 quando precariedade saúda
 o híbrido dissecado
 o que vai visível o que invisível o que
 fragmento devir maquinário
 identidade ideal ideia o que
 aberto fechado o que
 arte artificialidade linguagem o que
 para as lentes o que para as câmeras
 para os cálculos o que para os gráficos
 o que sonda o que
 faz sonhar
 vida morte
 o que da magia o que
 do mistério
 o que insondável
 nenhuma forma fixada rígida
 inflexível hirta inconsútil
 maciça inteiriça monolítica permanente
 portanto o que falha
 uma forma que se faz outra
 e que falha e se faz outra
 pelos poros mucosas orifícios
 dobras calores
 circulação sanguínea escrita que se move percorre
 ronda roda reina prepondera espasma soluça sua soa
 suspira exala emociona rememora dói apaixonada
 adocece contrasta experiência afeta metabole
 quebra expele organismo deseja gosma percebe
 sente esfria comunica acontece viraliza atravessa
 ama fisiologiza requebra espargue cura dança
 a dança

que nos dança e empurra pelo *tempo* no tempo
do corpo

DO CORPO (Marcio Junqueira)

partir daqui
do dado do corpo
deste corpo
em suas especificidades
de dimensões, pelos, marcas
e as histórias dessas marcas

(e que essa história
possa incluir
tanto a conversa miúda
quanto a conversa comprida
mas deste ponto
este corpo)

a u s c u l t o l o n g a m e n t e

imagino
um projeto experimental de existência
onde as especificidades
não sejam
limites, limitações ou limitantes
mas
possibilidades de invenção
vias de acesso a:

- 1) outras conversas
- 2) o conhecimento (que não é reconhecimento/ projeção) do outro

se
descobrir o outro
saber que
outro é o mesmo
embora seja mesmo
outro

mais rasteiro
menos grandiloquente

inventar/ construir/ cultivar
 o poema dose-diária-de
 tenofovir- disoproxil- fumarate-
 lamivudine- efavirenz
 comprimidos
 300 mg/ 30 mg/ 600 mg
 inventar/ construir/ cultivar
 o poema duas-doses-diárias
 imunem
 50 mg
 uso oral.

inventar/ construir/ cultivar

não projetar/poetizar
 recusar o figurino
 de herói
 ou vítima

das circunstâncias
 não piscar
 sustentar o próprio olho
 sem vergonha, sem culpa
 botar o pé no chão
 botar a cara no sol

interessa inventar
 uma dimensão espiritual

em lavar os pratos
 entrar no mar de manhã
 botar batata doce pra cozinhar
 ligar pra lau

construir
 táticas de guerrilha
 polinizações cruzadas
 cut ups
 aprender marcenaria
 começar um livro de receitas

cultivar

cantar muito com caetano
falo de quantidade e intensidade
não mastigar distraidamente o próprio coração
nem entregá-lo numa bandeja de prata

ancorar a presença no corpo

inventar o ritual
acreditar no ritual
esquecer o espetáculo.

CORPOS DE NEON (Tainá Rei)

entorpecida
um mistério o que tem na bebida
vá se for fluidos de meninos
vá se for o suor de uma batalha
vá se for o orvalho sob a casa de sua infância
vá se for o próprio caio f abreu

o rosto que jamais vi
duas mãos coladas, num sonho
trocando calor
eu acordo molhada

distorções na superfície
explosão, tambor, motor de carro
viajante sem corpo próprio ou destino
vá se isso for a vida

encarcerada nas dobras da barriga de alguém
olha ao redor - está inalcançável
inaugura pontes, túneis
por todo o dia
toda a madrugada

estou na plataforma
decido pular nos trilhos, vencer o tempo
pulo
e abro os olhos

estamos no trem

matando todos com gritos de loucura infantil
 repetindo sílabas como gogos, mas só estamos cansados
 vá se isso for um ritual comum
 e abro os olhos

o trem abre a porta
 tanto corpo
 e nenhum deseja e rompe a privacidade
 e me abraça?
 o maquinista sai da cabine
 desabotoa a camisa e mostra um x vermelho no peito
 sorrimos e eu abro os olhos

ela conjura a favor de sua maquinaria
 aguardando comum
 na fila do pão

ela se arrisca demais
 apaixonando-se
 transando com meninos sem proteção

ela se apresenta à luz de um poste
 inalcançável
 vá se for isso um presente
 inaugura caminhos
 atravessa pontes, túneis

101/102 (Júlia Studart e Manoel Ricardo de Lima)

*lado a lado as camas malcheirosas
 aqui o sono cura*

*toca, sem medo, a carne é mole
 e não dói*

dichtermut

dichtermut

dichtermut

...

alguns anos antes ou depois
trótski, doente, trata-se em ullevall
e lê uma bíblia em norueguês

imagina que mesmo assim não
pode salvar sua alma
mas que a bíblia norueguesa
serve para estudos comparativos
de línguas

isto é uma luta
uma revolução
a vida só golpeia os fracos

...

a vida golpeia os fracos

...

um sonho com cavalos de papelão,
bolas, bonecas de trapo, livros

e todos os vírus

a vida expandida, aberta, é virótica

...

isto avança : músculos tensionados
e voltados ao jogo, ao trabalho, à
vida,

para algum futuro
todo futuro

e todas as tarefas misturadas com
o presente, agora, no tempo das
plantas, lentamente

lado a lado, um a um, num duo

para dançar e rir, abraçados, como
sempre, vampiros

e iremos juntos ao cinema do bairro

ACTO DE FÉ (Ramon Nunes Mello)

22 de fevereiro de 2006
na cidade do porto
gisberta salce júnior
45 anos mulher transexual
soropositiva

torturada por três dias
pedradas pauladas chutes
sexualmente torturada
corpo dilacerado queimado
com cigarros

e jogada
em 15 metros de agonia
afogou-se na violência e no preconceito
em nome do pai do filho e do espírito santo
de 14 jovens católicos

no poço
fundo

sem fim
amém

DEUS TEM AIDS (Marcos Visnadi)

Jesus no caminho
quanto sangra, Senhor, e balbucia
umas palavras em aramaico que se perdem
entre os estalos do chicote, os gritos de alívio do povo

língua santa no cangote de ninguém
dois mil ano Te aguardando e Tu não vens
guardo cada gole de saliva
na esperança de dar

de beber, sozinho, engulo
não tem oferta que Tu venhas buscar
paciência

conto as cópias de vírus no meu próprio sangue
balbucio em português outras palavras que se perdem
entre buzinas de automóveis, meu corpo produz líquidos

*

Por que
Te escondes
no papel-bíblia
nos perdigotos de pastores argutos

não tens artérias que jorrem
cravadas nos pregos que fácil
estar na eternidade imóvel e insensível
em madeira, pensamento e folhinhas de calendário

em pilates, salada e terapia
lençóis limpos dançando com o vento
as rugas do intestino e suas fezes

curas e cotidianos aceitáveis
listas de afazeres dois mil e dezessete
caminho, verdade, vida

*

Ele enxuga as lágrimas dos aflitos
com Teus beijos de lábios ressecados
meus dedos tocam Tua costela sob a fenda
e eu me resigno a tomar os comprimidos

Senhor, com que raiva
secaste a figueira que não tinha feito nada

e mandaste pros abismos da morte
aquela vara de porcos inocentes

agradeço o quanto posso
não ser árvore, não ser porco
à Tua imagem e semelhança

ter medo fome e orfandade
no mais profundo da minha subjetividade
merecer cada castigo aplicado com vontade

*

Entre atraques com rapazes babacas
entre amores de verdade e caras casados faz décadas
nos rabos um gosto de látex
que as mulheres não farejam

o Filho de Deus
um vírus manso
Pôncio Pilatos e Barrabás
renova Teu medo da morte

agradece
a companhia indiferente
os covardes que gaguejam e Te negam

é como qualquer outra coisa
essa esponja encharcada de vinagre
mata a sede e dá saúde até que acabe

“CARTA PARA O HIV” (Marcos Visnadi)

Para Pablo e Maria.

Também para Al Berto, que escreveu: “A alma é húmida.”

sem destino
nem destinatário
acordei sem deus
sem estar acordado
numa grande fila
sem antepassados

meus amigos mortos
mas acordo:

meus amigos vivos
e eu também

ainda tenho
as mãos boas
por quanto tempo
ninguém sabe
e não importa
quanto tempo
você tem
ninguém sabe
também

o tempo
meu amor
empapado
nas nossas células
nos protege
contra o vácuo
que o universo
nos promete
e vai inflando
por dentro
dos núcleos
multiplica
e explode
ficamos cheios
da carga do tempo
o resto é medo
o amor que nasce

morrer antes
de todos
os meus amigos
ou pra sempre
no pensamento
positivo
vitaminas e exercício físico
o exame periódico da glicemia

e o CD4 controlado
um marido com plenos direitos
janta, sonho
da casa própria
e do mestrado
sobreviver
sem anticorpos
com os mais felizes prognósticos
para quê?

*

como é que faz
se o meu corpo me diz
não te quero mais
e falta tanto por descobrir
o povo tem fome
de cravos-da-índia
as caravelas esperam
feito águas-vivas
do porto desbravaremos
continentes

mas não eu
coberto de escorbuto
prévio à negra peste
mãos esqueléticas sem remo
fico jovem
nem pra velho do restelo
as portuguesas choram
as noivas ficam por casar
o mar engole meus companheiros
num futuro de horizonte
terra redonda que some

e eu
manhã
que medo
acordo tremendo
deitado na areia
rápido esfria
a madrugada

sem água
o sol queimando
o sarcoma de kaposi
naufrágio na terra
dos meus pais
como é que eu faço
se o meu corpo me disser
não te quero mais?

a sífilis
descoberta epidêmica
no século quinze
matava rápido como a aids
nos anos oitenta,
se esperar
século trinta
vencerá
as novas formas
epidêmicas
me deixarão
datado entre a praga do século
um romance
de moças nas montanhas
tísicas tirando
as costelas em resguardo
de pureza e de sexo e uma gripe
mais forte e uma cura
qualquer

deus antes de ir-se me deu
a historicidade das doenças
pra que eu não me aborreça
tudo vai e tudo é vão
deus nos deu só o que é bom

*

todas as tartarugas
rompem ao mesmo tempo
ou quase
seus ovinhos
de casca mole pra répteis

tão duros, nascidos nos dinossauros
depois atravessam
uma vez eu vi
na televisão que uma cidade
tinha migração de sapos no meio das ruas
ou seriam aligátors
crocodilos mais que grandes
mal nascidos e já migrantes

depois
conseguiram um salário
e contas a pagar
subiam a correnteza
pulando contra as águas
para desovar
a menos que um urso
os agarrasse
para viver

nos reunimos
eu e os bichos
a trocar experiências
eu conto que contraí uma doença
e antes disso era hippie
embora seja meia verdade
mantivemos a música dramática
depois comemos salgadinho
enquanto os colegas de trabalho
balançavam a cabeça
compadecidos e diziam
“que dureza...”

duro
é o que eu tenho entre as pernas
que acorda
apesar de tudo
mesmo quando eu não quero
e sai da toca
se arrasta na areia
e chega no mar

grande água na nossa carapaça

sal e rumo sem fronteiras de correntes
no entanto solte um bote à deriva
ainda que afunde ele chega
ainda que aporte ele entrega
filhotes de futuro diluídos no presente
antigas técnicas de decantação me são passadas
depois de tantas vezes que eu não morri
durmo adulto sobre os bens adquiridos
mas faço, da matéria que não tenho:

um casco que sustenta,
às minhas costas, quatro elefantes

nas suas trombas, continentes,
tudo o que você quer
mas também tudo

aquilo que ninguém nem imagina

existir